

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

JULIANA DAHER SABATIN

**A ORDEM SV/VS NO PORTUGUÊS COMO L2 NA FRONTEIRA
BRASIL/PARAGUAI: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOFUNCIONALISTA
NA INTERFACE VARIAÇÃO/AQUISIÇÃO**

São José do Rio Preto
2010

JULIANA DAHER SABATIN

**A ORDEM SV/VS NO PORTUGUÊS COMO L2 NA FRONTEIRA
BRASIL/PARAGUAI: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOFUNCIONALISTA
NA INTERFACE VARIAÇÃO/AQUISIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto

2010

COMISSÃO JULGADORA

Membros Titulares

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
(UNESP – São José do Rio Preto)
(orientador)

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
(UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Três Lagoas)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner
(UNESP – São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Eduardo Penhavel
(Universidade Federal de Viçosa – Carmo do Paranaíba)

São José do Rio Preto (SP)

2010

À minha MÃE, Rosely. Que sempre me orientou e me apoiou em todos os momentos de minha vida. Que foi também a Idealizadora, Mantenedora e a Maior responsável por essa conquista.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força e me sustentou em mais uma batalha.

À Carol, que faz jus a esse lugar nos agradecimentos, primeira incentivadora e orientadora do meu projeto. Que me emprestou todos os livros norteadores dos meus primeiros estudos e que sempre acreditou que eu era capaz, mesmo quando nem eu acreditava. Amiga, companheira, conselheira e acima de tudo, de uma competência incontestável.

Ao meu pai, que sempre foi um mestre em minha vida e que sempre acreditou que eu era capaz de superar todos (e quantos!) os obstáculos que se fizeram presentes durante os anos de mestrado.

Ao Elizandro, companheiro, amigo, parceiro nas tantas viagens de Campo Grande a Rio Preto, grande amor que se fez presente, e que me ensinou que a paciência é mais que uma virtude, é o ponto crucial na transposição de um obstáculo.

À minha família, meus irmãos Fernanda e Luciano, e meus cunhados Sede e Mara, que sempre me incentivaram, acreditaram em mim, e me deram muito amor e carinho.

À minha amiga Darci, que como uma mãe me encheu de coragem e me incentivou nessa caminhada.

À minha família de Rio Preto, Tia Izabel, Zézão, Vandi, Izabella e Marcelo que me ajudaram muito, me hospedando, me oferecendo transporte, me agradando com tantas coisas, comidas, passeios além de agradáveis momentos de bate-papo.

À minha família de Mirassol, Tia Isabel, Vô Lando(*in memorian*), Tia Ju e Tia Neo, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram, desde o dia em que participei da seleção.

Às meninas da República, Ana Amélia, Melina e Gi, que compartilharam bons momentos comigo durante o período em que morei em Rio Preto.

À Mírcia, amiga do curso, que esteve sempre disposta a me ajudar quantas fossem as minhas dúvidas.

Aos informantes, aos membros da escola e aos moradores de Bela Vista – MS, que prontamente atenderam a todas as minhas solicitações.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que certamente foi muito mais do que um orientador, acolheu meu projeto, direcionou o caminho, corrigiu com maestria todas as versões por mim enviadas e me ajudou a chegar até o fim, caminho que eu não teria percorrido sem a sua dedicação.

SUMÁRIO

	Página
Lista de figuras, tabelas, quadros, gráficos e abreviaturas	8
Resumo	10
Introdução	12
CAPÍTULO I – SUBSÍDIOS TEÓRICOS	15
1.1 Bilinguismo e Aquisição da Linguagem	15
1.2 A ordem de palavras	22
1.2.1 A ordem de palavras no português	24
1.2.2 A ordem de palavras no espanhol	30
1.2.3 A ordem de palavras no guarani	39
CAPÍTULO II – CONTATO LINGUÍSTICO NA FRONTEIRA	41
2.1 Caracterização do contato linguístico na fronteira Brasil/Paraguai	41
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	48
3.1 Os informantes	48
3.2 A coleta de dados e a composição do corpus	50
3.3 Os fatores linguísticos e sociais investigados.....	51
3.3.1 Grau de transitividade da construção.....	51
3.3.2 Flexão verbal	54
3.3.3 Estrutura do SN sujeito.....	55
3.3.4 Tipo de estado-de-coisas.....	56
3.3.5 Presença do advérbio inicial	58
3.3.6 Tipo semântico do verbo	58
3.3.7 Animacidade do sujeito	59
3.3.8 Status informacional do sujeito	60
3.3.9 Modalidade de frase.....	61
3.3.10 Gênero	62
3.3.11 Tempo de contato com o português	62
3.3.12 Fluência nas línguas de contato	63
3.3.13 Grau de exposição ao PB.....	63
3.4 Da quantificação e da análise dos dados	63
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	66
4.1 Análise dos resultados	66

4.1.1 Comparativo dos resultados gerais	67
4.1.2 Ordem de significância dos fatores considerados.....	69
4.1.3 Status Informacional do Sujeito	69
4.1.3.1 Comparação com outras pesquisas	71
4.1.4 Tipo de Estado-de-Coisas	72
4.1.5 Presença de Advérbio Inicial	75
4.1.5.1 Comparação de resultados	77
4.1.6 Animacidade do Sujeito.....	78
4.1.6.1 Comparação de resultados	79
4.1.7 Fluência nas Línguas de Contato.....	80
4.2 Fatores não selecionados pelo programa	81
4.2.1 Tipo de verbo e Grau de transitividade da construção	82
4.2.2 Flexão do verbo	85
4.2.3 Estrutura do SN-sujeito	87
4.2.4 Tipo semântico de verbo.....	88
4.2.5 Modalidade de frase.....	89
4.2.6 Gênero	91
4.2.7 Tempo de contato com o português	92
4.2.8 Grau de exposição ao português	93
4.3 Discussão dos resultados	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS E ABREVIATURAS

Página

FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Bela Vista no Estado de Mato Grosso do Sul42

Figura 2: Mapa de localização da cidade de Bella Vista Norte (PY)43

TABELAS

Tabela 1: Número de ocorrências analisadas e percentual de ordem SV e VS66

Tabela 2: Comparativo do percentual de ordem SV e VS entre os dois estudos67

Tabela 3: Frequência e PR da ordem de palavras segundo o grupo de fatores *status informacional do sujeito*70

Tabela 4: Comparação da frequência de ordem SV e VS, segundo o grupo de fatores *status informacional do sujeito* em diferentes pesquisas.....72

Tabela 5: Frequência de SV e VS para o grupo de fatores *tipo de estado-de-coisas*73

Tabela 6: Frequência e PR da ordem de palavras segundo o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*.....76

Tabela 7: Comparação da frequência de SV e VS no PBL2 de adultos e crianças, segundo o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*, obtida em outra pesquisa.....77

Tabela 8: Frequência e PR da Ordem de Palavras, segundo o grupo de fatores *animacidade do sujeito*78

Tabela 9: Comparação da frequência de SV e VS no PBL2 de crianças e adulto, segundo o grupo de fatores animacidade do sujeito79

Tabela 10: Frequência e PR, segundo o grupo de fatores *fluência nas línguas de contato*..80

QUADROS

Quadro 1: Uso das línguas no lar pelas crianças sujeito da pesquisa44

Quadro 2: Uso das línguas na escola pelas crianças sujeito da pesquisa45

Quadro 3: Informações sobre os informantes49

Quadro 4: Critérios adotados para análise dos dados da pesquisa52

Quadro 5: Parâmetros de transitividade52

Quadro 6: Exemplificação da apuração de grau de transitividade de sentenças54

Quadro 7: Tipo de Estado-de-Coisas58

Quadro 8: Tipos de processo59

Quadro 9: Tipo de Estado-de-Coisas	73
--	----

GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual geral de ordem SV e VS	66
Gráfico 2: Comparativo do percentual de ordem SV e VS entre os dois estudos	68
Gráfico 3: Percentual de ordem SV e VS em relação ao grupo <i>status informacional do sujeito</i>	70
Gráfico 4: PR da ordem VS em relação ao grupo <i>status informacional do sujeito</i>	71
Gráfico 5: PR da ordem SV para o grupo de fatores <i>tipo de estado-de-coisas</i>	74
Gráfico 6: PR da ordem VS para o grupo de fatores <i>tipo de estado-de-coisas</i>	75
Gráfico 7: PR da ordem VS em relação ao grupo de fatores <i>presença de advérbio inicial</i>	76
Gráfico 8: PR da ordem SV em relação ao grupo de fatores <i>animacidade do sujeito</i>	78
Gráfico 9: PR da ordem VS em relação ao grupo <i>fluência nas línguas de contato</i>	81
Gráfico 10: Frequência segundo o grupo <i>tipo de verbo</i>	82
Gráfico 11: Frequência segundo o grupo <i>grau de transitividade da construção</i>	84
Gráfico 12: Frequência segundo o grupo <i>flexão do verbo</i>	86
Gráfico 13: Frequência segundo o grupo <i>estrutura do SN-sujeito</i>	87
Gráfico 14: Frequência segundo o grupo <i>tipo semântico de verbo</i>	88
Gráfico 15: Frequência segundo o grupo <i>modalidade de frase</i>	90
Gráfico 16: Frequência segundo cada informante	91
Gráfico 17: Frequência segundo o grupo <i>tempo de contato com o português</i>	92
Gráfico 18: Frequência segundo o grupo <i>grau de exposição ao português brasileiro</i>	93

ABREVIATURAS

EP	Espanhol paraguaio
GP	Guarani paraguaio
L1	Língua materna
L2	Segunda língua
PB	Português brasileiro
PBL2	Português brasileiro em aquisição como segunda língua
PR	Peso relativo
V	Verbo
VL	Verbo de ligação
VI	Verbo intransitivo
VT	Verbo transitivo

SABATIN, Juliana Daher. **A ordem SV/VS no português como L2 na fronteira Brasil/Paraguai: uma investigação sociofuncionalista na interface variação/aquisição.** 2010. 101f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

RESUMO

Considerando que diversas pesquisas na área de Aquisição da Linguagem atestam que quando a língua materna, L1, tem a ordenação de constituintes mais livre em relação a uma segunda língua em aquisição, L2, parâmetros de ordenação de L1 interferem na aquisição de L2 (ODLIN, 1989), buscamos neste trabalho investigar, por meio do controle de fatores linguísticos e sociais, a ordem de palavras no português em aquisição como L2 por crianças paraguaias da fronteira Brasil/Paraguai, tendo como hipótese que, nas fases mais iniciais de aquisição do português, há a interferência de parâmetros de ordenação de L1, o espanhol paraguaio, em razão das diferenças tipológicas entre L1 e L2, a saber: o espanhol, uma língua de ordem mais livre do que o português. O nível de interferência diminui à medida que aumenta o tempo de exposição da criança à língua alvo, mas padrões de L1 podem permanecer em L2, como mostramos por meio da análise comparativa de nossos resultados com os de Chaves (1989), que investigou, na mesma comunidade a ordenação de constituintes no português falado por paraguaios adultos. Para testar nossa hipótese, foi utilizado o método sociolinguístico quantitativo. O corpus é resultante da seleção de 440 sentenças, fornecidas a partir de 12 horas de gravações em áudio da fala de seis crianças paraguaias que estudam em escolas de Bela Vista (MS) e que apresentam diferentes tempos de contato com o português: duas do 1º ano do Ensino Fundamental, duas do 2º ano do Ensino Fundamental e duas do 3º ano do Ensino Fundamental. Do total de 440 sentenças analisadas, 380 (86,4%) apresentaram ordem SV e 60 (13,6%) apresentaram ordem VS. Alguns fatores linguísticos e sociais mostraram-se estatisticamente relevantes no condicionamento da inversão da ordem: *status informacional do sujeito, tipo de estado de coisas, presença de advérbio inicial, animacidade do sujeito e fluência nas línguas de contato*.

Palavras-chave: ordem VS, aquisição de L2, português, espanhol.

SABATIN, Juliana Daher. **The order SV/VS in Portuguese as L2 in the borderline Brazil/Paraguay: a sociofunctionalist investigation in the variation/acquisition interface.** 2010. 101f. Thesis (Master degree in Linguistics studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

ABSTRACT

Considering that many researchers in the area of Language Acquisition testify that when the mother tongue, L1, has the ordering of constituents freer in relation to second language acquisition, L2, ordering parameters of L1 interfere in the acquisition of L2 (ODLIN, 1989), we seek with this work to investigate, through linguistic and social factors, the word order in the acquisition of Portuguese as L2 spoken by Paraguayan children from the borderline Brazil/Paraguay, having as hypothesis that, in the first stages of the Portuguese acquisition, there is the interference of L1 ordering parameters, the Paraguayan Spanish, due to typological differences between L1 and L2: Spanish is a language with a freer order, compared to Portuguese. The interference degree diminish as the period of exposure of the child to the target language grows, but patterns of L1 may remain in L2, as we show through a comparative analysis of our results with those from Chaves (1989), who investigated, in the same community, the ordering of constituents in the Portuguese spoken by Paraguayan adults. To test our hypothesis, the quantitative sociolinguistic method was used: the result corpus of the selection of 440 sentences, supplied from 12 hours of audio recording of speech of six Paraguayan children who study in schools of Bela Vista (MS) and who have different period exposure to the Portuguese language, two from the 1st year of elementary education, two from the 2nd year of elementary education, and two from the 3rd year of elementary education. From the total of 440 analyzed sentences, 380 (86,4%), presented order SV and 60 (13,6%) presented order VS. Some linguistic and social factors were statistically relevant in determining the reversal of the order: *informational status of the subject, kind of state of affairs, presence of initial adverb, animacy of the subject and fluency in the languages of contact.*

Key-words: SV order, acquisition of L2, Portuguese, Spanish.

INTRODUÇÃO

A maneira como se posicionam os constituintes em uma oração pode se diferenciar de uma língua para outra. Enquanto o português é uma língua caracterizada como língua predominantemente SVO, ordem não-marcada, portanto, do ponto de vista da ordenação de constituintes, o espanhol é considerado uma língua de ordem relativamente livre. Seja a língua de ordenação mais rígida, como o português, ou mais livre, como o espanhol, teoricamente, os falantes seguem regras de ordenação ao se comunicarem, motivados por fatores de ordem pragmática, semântica e sintática.

A pesquisa que aqui está sendo apresentada centra-se na investigação da ordem de palavras do português brasileiro (PB, doravante) em aquisição como segunda língua (PBL2, doravante) por crianças paraguaias que estudam no Brasil, mais especificamente a ordem do S(ujeito) em relação ao V(erbo), as ordens S-V e V-S. A partir dos dados que compõem o corpus desta pesquisa, pretendemos, neste trabalho, fazer uma análise dos fatores que condicionam essa inversão. Apesar da diversidade de enfoques e do grande número de investigações sobre a ordenação VS e os possíveis fatores condicionadores dessa ordem, não se encontra na literatura nenhum estudo que trate especificamente da ordem de palavras do português em aquisição como segunda língua por crianças na fronteira Brasil/Paraguai.

A comunidade de fala investigada em nosso estudo é constituída por informantes que têm o espanhol paraguaio (EP) como língua materna (L1, daqui em diante) e o PB como segunda língua (L2, daqui em diante). A exemplo de outros trabalhos sobre aquisição do PBL2 em contexto natural (GONÇALVES, 1997, por exemplo), nossa hipótese é a de que também na fronteira Brasil/Paraguai L1 influencie a aquisição do PBL2.

Além de buscar evidências para a sustentação dessa hipótese, neste trabalho propomos

traçar uma comparação de nossos resultados com os de Chaves (1989), que contempla praticamente os mesmos fatores de análise adotados na nossa pesquisa, diferindo num ponto de extrema importância, a idade dos informantes. Enquanto no nosso trabalho investigamos a ordem de palavras no português falado por crianças paraguaias que o têm como L2, o trabalho de Chaves (1989) investiga o mesmo fenômeno no português usado como L2 por paraguaios adultos da mesma região, situação que nos permite comparar dois estados de interlíngua diferentes, com a expectativa de que o PBL2 adulto apresente menos interferência de L1 do que o PBL2 em aquisição.

Assim, o objetivo maior deste estudo é verificar quais condicionantes linguísticos e/ou discursivos favorecem a inversão da ordem S e V no PBL2 em aquisição pelas crianças paraguaias. Para tanto, um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos serão controlados na análise dos dados. Como objetivos específicos do presente estudo, pretendemos:

- (i) descrever a ordem de palavras do PBL2 em aquisição por crianças paraguaias da fronteira Brasil/Paraguai;
- (ii) analisar fatores linguísticos que interfiram na ordenação de palavras, à luz de uma perspectiva sociofuncionalista, correlacionando os fatores linguísticos investigados com as ordens variantes;
- (iii) recorrendo ao trabalho de Chaves (1989), comparar os fatores linguísticos que regem a ordem de palavras do português falado por criança e por adultos paraguaios residentes na fronteira;
- (iv) ao final das análises, determinar, se possível, os fatores linguísticos que representam interferência do espanhol L1 das crianças no PBL2 em aquisição.

Para o alcance dos objetivos de pesquisa aqui relatados, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no capítulo I, apresentamos os subsídios teóricos

considerados na elaboração de nossa pesquisa, que constam da abordagem dos seguintes temas: bilinguismo e Aquisição da Linguagem e ordenação de constituintes nas línguas em contato; no capítulo II, apresentamos a caracterização da situação de contato na fronteira Brasil/Paraguai; no capítulo III, seguem os procedimentos metodológicos; no capítulo IV, encontram-se os resultados alcançados a partir da análise quantitativa e qualitativa dos fatores linguísticos e sociais controlados, além das considerações finais no capítulo V, momento em que apresentamos as principais conclusões obtidas no trabalho de pesquisa.

CAPÍTULO I

SUBSÍDIOS TEÓRICOS

1.1 Bilinguismo e Aquisição da Linguagem

Estudos sistemáticos sobre a Aquisição da Linguagem só foram implementados de fato mais recentemente, com o impulso que a Linguística tomou a partir da década de 1960, com os estudos de Chomsky (1957). Anteriormente a essa fase, alguns estudiosos da linguagem, guiados pelo interesse paterno e profissional, elaboravam diários da fala espontânea de seus filhos, mais adiante substituídos por registros em áudio e vídeo (SCARPA, 2007).

A área da aquisição da linguagem recobre muitas subáreas, entre elas: a) aquisição da língua materna; b) aquisição de uma L2 quer como bilinguismo infantil ou cultural, quer na verificação dos processos pelos quais se dá a aquisição de L2 entre crianças e adultos; c) aquisição da escrita: letramento, processo de alfabetização.

O linguista Noam Chomsky adota uma postura inatista no estudo do processo de aquisição da linguagem, concebendo a linguagem como uma dotação genética e não como um conjunto de comportamentos verbais. Segundo o autor, a linguagem é adquirida como resultado do desencadeamento de um dispositivo inato, inscrito na mente, mais especificamente o que ele denomina *faculdade da linguagem* (CHOMSKY, 1957).

A partir disso, muitos foram os estudos surgidos nessa área. Sabemos que, para adquirir a linguagem, a criança tem como tarefa básica a apreensão de como se manifestam relações diferentes entre constituintes nos enunciados de sua língua materna e que, para tanto, ela necessita entender como se formam as estruturas sintáticas de sua língua, para exprimir relações funcionais entre os termos, ou seja, quais estruturas são usadas, por exemplo, para

expressar relações entre sujeito e predicado, entre modificador e núcleos etc. Além disso, precisa apreender também quais são as formas utilizadas na expressão de tempo, número e assim por diante.

A aquisição da sintaxe ocorre na fase em que a criança produz as chamadas palavras-frase. Segundo López García (1990 *apud* VANDRESEN, 2007), são quatro as etapas da aquisição da sintaxe por parte da criança. Em um primeiro momento, a criança usa holofrases, isto é, palavras que correspondem a uma oração. O autor explica que os primeiros enunciados da criança são sempre expressões de uma só palavra (em espanhol, *mamá*, *papá*, *água*, etc.). As palavras-frases com que se inicia a linguagem são sempre substantivos, que podem funcionar como constituintes que ocupam qualquer posição da estrutura sintática na língua do adulto (como sujeito, complemento e modificador), possíveis de serem interpretados somente na situação contextual.

Segundo López García, a segunda etapa do desenvolvimento sintático caracteriza-se pela aparição de estruturas duais do tipo *mamá dá*, *mamá ali*, e é alcançada por volta dos 18 meses. Nesse momento, ocorre o desdobramento da oração, que passa a corresponder a um substantivo, classe de palavras abertas e a uma palavra funcional.

Já na terceira etapa do desenvolvimento sintático, segundo o autor, acontecem subdivisões da classe das palavras funcionais, enquanto a das palavras abertas permanece mais ou menos estável, primeiramente (por volta dos 21 meses) a classe funcional subdivide-se em artigos, dêiticos e em outra subclasse funcional indiferenciada; mais tarde, por volta dos 24 meses, essa subclasse funcional dá lugar à seguinte divisão: adjetivos/ possessivos/ subclasse funcional.

Logo em seguida, por volta dos 4 ou 5 anos, a criança já adquiriu a morfosintaxe básica de sua língua e, a partir daí até os 11 ou 12 anos, inicia-se a eliminação de alguns paradigmas analógicos. Por exemplo, a criança que, nas suas primeiras etapas, aprendeu *fazi*

(por analogia com *comi*, *parti*, *senti*), mas mais tarde acostumou-se a dizer *fiz* e graças ao que ouvia dos adultos, começa a tomar consciência das exceções.

Outro estudo sobre aquisição, o de Menyuk (1975 *apud* VANDRESEN, 2007) considera que a criança, a partir da segunda infância, já é capaz de construir enunciados de duas a três palavras e de compreender as relações básicas de sujeito/verbo/complemento. Em relação à ordenação dos constituintes na oração, a autora esclarece que esta se dá de maneira sintagmática e que inclui na sua composição pelo menos duas palavras: o sujeito e o predicado, o substantivo e o verbo. Essa organização sintagmática da oração pode ter distinta complexidade. Nos casos mais simples, limita-se a duas palavras; nos casos mais complexos, a estrutura de sujeito e predicado conserva-se, mas cada um dos componentes divide-se em grupos complementares. Exemplo dessas frases mais complexas pode ser a construção do tipo *o menino toma água*, na qual, além do sujeito e do predicado, se distingue também o complemento. A frase adquire aqui um caráter mais complexo.

Relativamente ao **bilinguismo**, apesar de este ser objeto de interesse de várias áreas da Linguística, pode ser considerado fenômeno relativo aos estudos da área de Aquisição da Linguagem, já que o termo, em sentido estrito, refere-se ao sujeito que tem mais de uma língua materna, ou seja, aquele que adquiriu duas ou mais línguas ainda no período crítico de seu desenvolvimento linguístico, que varia de 18 meses de vida até seis anos, para alguns autores (PINKER, 1994), ou, como mais consensualmente aceito, até o início da puberdade (ELLIOT, 1982), a depender do tipo de competência que se considera.

A partir do século XX, a noção de bilinguismo tornou-se cada vez mais ampla e difícil de conceituar. Na visão de Macnamara, bilíngue é “um indivíduo que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (MACNAMARA, 1967 *apud* MEGALE, 2005).

Uma definição bastante interessante sobre a questão do bilíngue é a proposta de

Titone, para quem bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 *apud* MEGALE, 2005).

Segundo Megale (2005), a definição mais comum de bilíngue é a do indivíduo que fala duas línguas. Apesar de parecer simples a definição de bilinguismo, uma variedade de conceitos ocorre entre os diferentes autores que investigaram esse processo de aquisição de duas ou mais línguas, alguns dos quais, hoje, considerados inadequados.

Outros questionamentos surgem no momento de se definir se o bilíngue é basicamente o indivíduo que possui duas línguas. Barker e Prys (1998), Li Wei (2000) *apud* Megale (2005) levantam a possibilidade de se incluir ou não nessa categoria indivíduos com diferentes graus de proficiência e uso de três, quatro ou mais línguas.

Mackey (2000 *apud* MEGALE, 2005) pondera que ao se definir bilinguismo devem-se considerar quatro questões:

- (i) a primeira é referente ao grau de proficiência, ou seja, o conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão deve ser avaliado. O conhecimento de tais línguas não precisa ser equivalente em todos os níveis linguísticos. O indivíduo pode, por exemplo, apresentar vasto vocabulário em uma das línguas, mas, nela apresentar pronúncia deficiente.
- (ii) a segunda destaca a função e o uso das línguas, isto é, as situações nas quais o indivíduo faz uso das duas línguas também devem ser objeto de estudo ao conceituar o bilinguismo.
- (iii) a terceira diz respeito à alternância de código. Segundo Mackey deve ser estudado como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra.
- (iv) e, finalmente, deve também ser estudado, para classificação correta do bilinguismo, como uma língua influencia a outra e como uma interfere na outra, fenômeno este conhecido por *interferência*.

Em seu estudo *Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos*, Megale (2005), a partir dos conceitos utilizados por Harmers e Blanc (2000), elenca alguns critérios que seriam fundamentais para a caracterização de um bilíngue.

A primeira ressalva feita por esses autores é a verificação da relação entre a competência linguística presente em ambas as línguas. O indivíduo que possuir grau equivalente de conhecimento nas duas línguas será considerado um bilíngue balanceado. Já o indivíduo que possuir competência maior em uma das línguas em questão, geralmente na língua nativa, será considerado um bilíngue dominante.

Em seguida, os autores fazem algumas considerações a respeito da idade de aquisição das línguas. De acordo com a idade de aquisição da L2, dá-se o bilinguismo infantil, adolescente ou adulto. O **bilinguismo infantil** subdivide-se em: **simultâneo** e **consecutivo**. No bilinguismo simultâneo, a criança adquire as duas línguas ao mesmo tempo, sendo expostas a elas desde o nascimento. Já no bilinguismo consecutivo, a criança adquire a L2 ainda na infância, mas após ter adquirido as bases linguísticas da L1, aproximadamente até os cinco anos, conforme aponta Li Wei (2000, *apud* MEGALE, 2005).

Segundo os autores, quando a aquisição da L2 ocorre durante o período da adolescência, conceitua-se este fenômeno como bilinguismo adolescente e por bilinguismo adulto, entende-se a aquisição da L2 que ocorre durante a idade adulta.

Outras considerações feitas pelos autores, (HARMERS e BLANC, 2000, *apud* MEGALE, 2005), estão intrinsecamente relacionadas com o objeto de nossa pesquisa. Segundo os autores, de acordo com o status atribuído às línguas presentes na comunidade, o indivíduo desenvolverá formas diferenciadas de bilinguismo. Por exemplo, o bilinguismo ocorre quando as duas línguas são valorizadas na comunidade, resultando num desenvolvimento cognitivo da criança e a aquisição da L2 sem perda ou prejuízo da L1. No entanto, na segunda forma de aquisição, denominada bilinguismo subtrativo, a primeira língua

é desvalorizada no ambiente infantil, gerando desvantagens de aprendizado da criança e, neste caso, durante a aquisição da L2, ocorre perda ou prejuízo da L1.

Classificação semelhante dos tipos de bilinguismo aparece em De Heredia (1989). O bilinguismo adquirido dentro do período crítico de aquisição da linguagem é classificado como **bilinguismo precoce** (DE HEREDIA, 1989) ou **bilinguismo infantil** (LEOPOLD, 1971, *apud* GONÇALVES, 1997), que se subdivide em: **bilinguismo simultâneo**, caracterizado pela aquisição simultânea decorrente do contato da criança com duas línguas, desde que nasce, e **bilinguismo sucessivo**, caracterizado pela aquisição coordenada de duas línguas ainda dentro do período crítico.

Segundo as classificações acima, é como casos de bilinguismo infantil sucessivo, (coordenado ou consecutivo) que se enquadram as crianças objeto dessa investigação, uma vez que elas adquirem primeiramente o espanhol paraguaio (EP) e/ou o guarani paraguaio (GP) e, à medida que passam a integrar outra comunidade de fala, adquirem sucessivamente a língua do ambiente. Essa situação muito comum ocorre normalmente em idade escolar.

No tratamento do bilinguismo é ainda necessário agregar, além das questões linguísticas envolventes, também questões políticas, sociais e econômicas intervenientes no processo. Verificar o “*status sociolinguístico*” implica investigar nos contextos sociais de uso das línguas envolvidas em situações bilíngues aspectos como *prestígio/não prestígio*; *dominação/não dominação*; *superioridade/inferioridade* e, entre outros, aqueles que se articulam à dimensão linguística. Todas essas questões certamente são determinantes do comportamento linguístico do falante bilíngue.

Para Savedra (1994), o bilinguismo representa apenas o uso funcional das línguas, num determinado estágio vivencial do indivíduo, não sendo, portanto, a representação real do uso de ambas as línguas durante toda a vida do falante. A condição de bilinguismo é estabelecida pelo contexto e forma de aquisição, logo não permanece a mesma durante a

trajetória de vida dos indivíduos.

Outras considerações feitas a respeito do bilinguismo, por exemplo, envolvem conceitos como **língua nativa** ou **língua materna**, que são empregados para designar a língua na qual se tem melhor proficiência, mas que não são termos adequados aos casos de bilinguismo simultâneo ou sucessivo na infância, os quais podem envolver exposição da criança a mais de uma língua, desde o início da aquisição, de modo que nenhuma é a primeira, ou nos casos do segundo tipo, a primeira língua, por forças das circunstâncias socioculturais, pode deixar de ser a que melhor se sabe ao longo da vida.

Outro aspecto importante para o estudo do bilinguismo é o modo como o bilíngue adquire a sua L2. No processo de aquisição de L2, considera-se que as duas línguas são adquiridas de modo idêntico, no entanto, a simetria é raramente perfeita. De um modo geral, cada uma das línguas está ligada preferencialmente a determinadas práticas sociais. Durante o desenvolvimento da criança, uma das duas línguas vai exercer forçosamente certa dominância sobre a outra. Este desequilíbrio pode estender-se a todos os domínios da comunicação, levando a língua menos privilegiada a apagar-se ou a resumir-se a funções muito restritas. (SMITH, 1983).

Pode ocorrer de o bilíngue ter uma língua preferencial para um grupo de atividades, outra para outro, e ainda pode acontecer de a língua preferida mudar por completo ou parcialmente ao longo do tempo. Segundo Dodson (1981, *apud* ROCCA 2003), a língua preferida do bilíngue é determinada por fatores que mudam a significância de uma dada língua através do tempo, de acordo com a história do sujeito. Entre esses fatores inclui-se até a autoavaliação subjetiva que o falante faz de sua fluência relativa às duas línguas.

Em estudos que levantam questões a respeito da idade ideal para se adquirir uma L2, demonstra-se que a experiência bilíngue em crianças pode levar a estratégias preferenciais no processamento da língua. Entre esses estudos existem os que acreditam na hipótese de que a

idade de aquisição do bilinguismo influencia na organização cerebral e no desenvolvimento da lateralidade, determinando o papel relativo dos dois hemisférios no processamento da informação verbal (LOCKE, 1997). Já outros estudos apontam para um maior uso do hemisfério esquerdo por bilíngues na infância (ROCCA, 2003).

Fundamental ainda a respeito da aquisição bilíngue é o que nos estudos do tema denomina-se *language transfer*, que se refere à transferência de padrões da língua nativa para os padrões da língua alvo, quando aprendizes de L2 tentam se comunicar na língua em aquisição (ODLIN, 1989), o que pode atingir desde a prosódia até a pragmática, passando pela fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e semântica. Gonçalves (1997), por exemplo, mostra em estudo realizado na comunidade Yuba, sobre a interferência do japonês na aquisição do PBL2, que no momento em que a criança começa a se comunicar usando o PB, fatores de ordem sintática de L1, o japonês, são transferidos para o PBL2, instante em que a criança, portanto, vale-se dos parâmetros da língua previamente adquirida.

Em se tratando do que é proposto por nosso estudo, o “transfer” da ordem de palavras da L1 na aquisição de L2 ocorre quando as línguas não apresentam parâmetros convergentes para o mesmo princípio. Muitos desses estudos têm demonstrado numerosos “erros” na ordenação de palavras quando L2 apresenta uma ordem mais rígida ou mais flexível em relação à L1 (ODLIN, 1989), o que poderá ser comprovado em nosso estudo, uma vez que a L1 dos falantes estudados é o EP, de ordem mais livre, e a L2 é o PB, de ordem mais rígida.

1.2 A ordem de palavras

Muitas são as discussões a respeito da possibilidade de se classificar uma língua segundo a sua ordem de palavras na sentença. Para Greenberg (1966), todas as línguas naturais eram passíveis de classificação de acordo com a ordem dominante nessa língua. Apesar do pioneirismo de sua ideia, muitas foram as contestações a respeito dessa

classificação. O que atestam alguns estudiosos, como Mithun (*apud* GUTIÉRREZ, 1997), é que não seria possível detectar uma distribuição que satisfizesse aos diferentes critérios estipulados para a determinação de um “tipo”, porque não haveria meios confiáveis de se classificar uma língua considerada de ordem “livre”.

Antes da Escola de Praga, a ordem de palavras na oração era tema pouco estudado e a maior parte das correntes ignorava este tema ou o tratava de maneira superficial. Entretanto, a partir dos trabalhos de Mathesius (1961, *apud* BERLINCK, 1988) e seus discípulos sobre os conceitos de *Tema* e *Rema*, a situação muda substancialmente. O desenvolvimento das ideias praguenses supõe um avanço importantíssimo e, desde este momento, o problema vai alcançando uma relevância cada vez mais notável nas distintas escolas.

Desde a Escola de Praga a oração é considerada uma reação do falante ante a realidade. Os conceitos de *Tema* e *Rema* dependem das considerações do falante sobre o discurso e da maneira como este mesmo falante dispõe seu discurso. Qualquer tipo de reação diante da realidade linguística supõe uma tomada de posição diante daquilo que o falante está dizendo. Em virtude deste fator, é possível estabelecer que a oração é composta de duas partes diferentes: um Tema e um Rema. (MATHESIUS, 1961, *apud* BERLINCK, 1988)

Se os elementos que conformam a perspectiva funcional são somente dois, as possibilidades de combinação são, por conseguinte, muito reduzidas. As duas possibilidades de reordenação dos elementos Tema e Rema dentro do enunciado levaram os praguenses, e neste caso Mathesius (1961, *apud* BERLINCK, 1988), a postular duas possibilidades de ordens: a objetiva (Tema/Rema) e a subjetiva (Rema/Tema). A primeira dá ênfase ao ouvinte e respeita a medida de conhecimento do ouvinte sobre o processo; a segunda foca o falante e subordina os conhecimentos do ouvinte ao desenvolvimento da capacidade expressiva do enunciado.

Mathesius (1961, *apud* BERLINCK, 1988) estabelece quatro princípios básicos para a

análise da ordem de palavras na oração, os quais governam a ordem de palavras em uma língua: i) princípio gramatical; ii) princípio rítmico; iii) princípio funcional; iv) princípio da ênfase. O natural, pois, é que cada língua acomode a atuação da ordem de palavras conforme suas próprias leis sintáticas. Por exemplo, tanto o espanhol quanto o checo participam de uma maior flexibilidade que o inglês e o francês em relação à ordem de sintagmas na oração.

Para Saussure (2006), por ser a linguística o estudo exclusivo da *langue*, a ordem de constituintes da oração ficaria relegada ao domínio da *parole* e da variação individual ocupando um posto secundário em suas análises. Para a compreensão dos objetivos deste trabalho, seguem as descrições teóricas da ordem de palavras nas línguas em estudo.

1.2.1 A ordem de palavras no português

Em relação ao PB, Oliveira (1989), estudando quantitativamente sua tipologia, analisou sentenças orais e escritas, detectando que a modalidade falada favorecia a ordenação SVO (65%), enquanto a modalidade escrita apresentava uma frequência de 44 % para a ordenação não-SVO. Apesar desse e de outros trabalhos já realizados para o PB, a ordem canônica SVO proposta por Greenberg é, ainda, considerada a forma não-marcada do PB, como atestaram vários outros pesquisadores, como Braga e Bentivoglio (1988), por exemplo.

O estudo que, certamente, deve ser levado em consideração ao discutirmos a questão da ordem é o texto de Pontes (1987), *O tópico no português do Brasil*. A autora discorre sobre as possibilidades de ordem VS em português. Inicialmente, esclarece que, se levarmos em consideração as sentenças declarativas com verbos transitivos, chegaremos à conclusão de que a ordem não-marcada em português é de fato a ordem SVO. Essa afirmação pode ser ratificada pelo valor sintático atribuído a essas sentenças declarativas com verbos transitivos, ao passo que, caso haja inversão na ordem, conseqüentemente haverá inversão de significado. Dessa maneira, a autora esclarece que a regra SVO para essas sentenças é uma regra que antes

de tudo assegura o significado. Sentenças com verbos transitivos em que haja posposição do sujeito podem levar a ambiguidade; caso essa não seja a intenção, é imprescindível que se assegure a correta interpretação do contexto.

Algumas possibilidades de inversão da ordem analisadas por Pontes demonstram a autonomia do falante. Num primeiro exemplo, a distinção entre sujeito animado e inanimado faz com que a ambiguidade seja extinta, uma vez que só um sujeito seria possível a depender do verbo utilizado. Outro caso mencionado pela autora demonstra a possibilidade de haver tanto objeto quanto sujeito animado numa inversão de ordem, desde que a preposição faça a distinção entre um e outro.

Levando todas essas possibilidades em consideração é que a autora defende a ideia de que o falante não é uma máquina, mas sim capaz de utilizar as regras na medida em que elas sejam necessárias ao contexto em que o indivíduo esteja inserido. Pontes ressalta, ainda, que quando o falante vê a possibilidade de violar as regras, sem que isso cause prejuízo ao contexto, elas são violadas.

Alguns estudiosos, ao debaterem a ordem de palavras, em muitos aspectos divergiam entre si, como os linguistas gerativistas, que tentavam estabelecer regras que tornassem automáticas as inversões. A discussão sobre ordem de palavras na gramática gerativa buscava estabelecer uma ordem básica, a qual devia figurar na estrutura profunda. Alguns estudos de cunho gerativista foram empreendidos no PB para verificar qual era sua ordem básica. O que impossibilitava um resultado confiável era o fato de que alguns estudiosos se baseavam apenas em argumentos provenientes quase que na totalidade de orações transitivas, como Berman (1974), ou em orações intransitivas, como Perlmutter (1976). O fato é que, se considerarmos somente as orações transitivas, a ordem básica será SVO, mas se considerarmos somente as orações intransitivas, a ordem VS passa a ser mais significativa.

Mattoso Câmara Jr. (1972) observou que a posposição do sujeito se dá quando não há

um objeto direto para opor, pela colocação, ao sujeito ou quando mesmo com objeto direto, o mecanismo da concordância pode entrar em ação. Daí, a frequente posposição do sujeito com com verbos intransitivos e com verbos transitivos, desde que o sujeito e o objeto direto sejam de número nominal diferente.

Pontes esclarece, que a maioria dos casos de ordem VS se encontra com verbos intransitivos, não sendo impossível a inversão com verbos transitivos, desde que não interfira na compreensão.

Outros autores que empreenderam estudos sobre a ordem de palavras no português, como Dias (1969) e Sousa da Silveira (1960), trazem uma descrição pormenorizada dos casos em que há posposição do sujeito. Segundo os autores, são algumas das possibilidades de posposição do sujeito:

- i) quando uma oração interrogativa direta começa pela expressão interrogativa e esta não encerra o sujeito;
- ii) quando o sujeito é um nome não precedido de artigo definido;
- iii) nos participípios absolutos, o sujeito vem depois do participípio, em tempo composto, depois do auxiliar, ou depois de todo o participípio;
- iv) quando os verbos *deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir, ver* se ligam a um infinitivo referido ao complemento direto desses verbos, o complemento direto não sendo pronome pessoal, ou relativo, ou interrogativo, pode ir depois do infinitivo.

Cunha (1976) considera que a ordem SVO é a que predomina em nossa língua, acrescentando que as inversões de ordem estão ligadas mais à natureza estilística e têm por fim realçar o sujeito.

Thomas (1969) em seus estudos sobre o PB, afirma que a ordem usual em uma sentença declarativa é SVO. Há, contudo, segundo o autor, uma variação dessa ordem, mais

em espanhol que em português, e em PB mais na literatura que na oralidade. Ainda segundo o autor, a ordem inversa é usada para enfatizar o sujeito, pensamento que ele compartilha com outros gramáticos.

Segundo Pontes (1987), os gramáticos não são muito claros em relação à existência ou não da obrigatoriedade da ordem VS no PB. Para Dias (1969) e Thomas (1969), a ordem SVO é a mais simples, sem ênfase, ou seja, sem casos de topicalização. Já em relação à inversão da ordem na língua oral, Pontes esclarece que há certa incidência de alguns verbos que ocorrem mais em posição inicial que outros. Esses verbos seriam os classificados por Givón (1979) como “existenciais-apresentativos” (*haver, existir, aparecer, chegar* etc). Segundo Givón, há a tendência de esses verbos aparecerem na posição inicial quando a língua é classificada como SVO.

Algumas generalizações a respeito da ordem VS são feitas nos diversos estudos realizados sobre o assunto. A primeira delas é a de que a ordem inversa pode ocorrer desde que não seja necessário recorrer à ordem canônica SVO para distinguir o sujeito do objeto. Devido a essa necessidade de distinção entre sujeito e objeto é que se faz mais presente a recorrência da ordem VS com verbos intransitivos.

Outra generalização em relação à ordem VS, assinalada por Cunha (1976) e Thomas (1969), é que ela ocorreria em orações interrogativas, exclamativas, optativas, relativas, reduzidas de particípio, gerúndio, infinitivo e existenciais, menos, consequentemente, em oração declarativa neutra, afirmativa, ativa.

Givón (1979) considera que a oração declarativa é básica, tendo em vista que ela é a mais frequente no discurso. A partir da ideia de Givón é que verificamos outra generalização a respeito da ordem de palavras: a de que a ordem VS em português é marcada, ou seja, não-declarativa, ativa, afirmativa, neutra.

Givón (1979) traz uma tentativa de explicação para ordem VS. Baseado em conceitos funcionalistas, o autor sugere que a inversão da ordem de palavras na sentença é um fenômeno que se fundamenta no discurso, o que “a sintaxe não pode explicar sem referência a seu uso na comunicação” (p.49). Givón utiliza, sobretudo, a explicação funcional, se referindo à função da linguagem, da comunicação, nos critérios de inversão da ordem canônica.

Segundo Pontes (1987, p.152), “Givón tenta explicar a ordem VS como ocorrendo em ambientes em que o sujeito é a informação nova. Esta explicação coincide com o ensinamento da Escola de Praga.” Mattoso Câmara Jr. (1972) afirma que “há um princípio básico, que consiste em atribuir ao último termo do enunciado o máximo valor informativo”. O que fica claro nas duas explicações é que a ordem VS está intrinsecamente ligada às ideias de *dado* e *novo*, ou seja, segundo os autores, nós construímos um discurso levando em consideração ao que julgamos que é *dado* e ao que é *novo* para nosso ouvinte.

Neves (1997), recorrendo a Dik (1989), também considera imprescindíveis as noções pragmáticas funcionais *Tópico e Foco* para a correta análise da organização da frase. A autora considera como *Tópico* o constituinte acerca do qual se faz a oração e *Foco* o constituinte que carrega a informação mais saliente, e que ambos devem ser analisados como integrantes à gramática.

Outra consideração ligada à ideia de *Dado* e *Novo* é a de Halliday (1985), em seu estudo sobre as metafunções. Segundo o autor, o *tema* é geralmente o que se pode recuperar da informação *dada*, enquanto o *rema* é, geralmente, a parte que o falante não consegue recuperar como *dada*, ou seja, a parte *nova*. Conclui-se, a partir da proposta de Halliday, que os eventos descritos e as entidades envolvidas no discurso não têm todos a mesma importância, acarretando uma organização discursiva que seja capaz de marcar a relevância dos elementos que compõem o discurso.

Hetzron (1975, *apud* PONTES, 1987) afirma que “existe uma tendência nas línguas

para colocar na posição final elementos que o falante deseja manter à mão para referência posterior”, tendência a que ele denomina *movimento apresentativo*. Ainda segundo Pontes, muitas vezes o falante, ao sentir que o verbo é mais importante que o sujeito, coloca o primeiro no início da sentença. Essa ideia é também compartilhada por Steele (1975, *apud* PONTES, 1987), que afirma que em sentenças em que o falante atribui maior importância ao verbo, ele ocorre no início da sentença, não havendo elementos topicalizados. Ainda segundo a autora, às vezes esse verbo colocado no início na sentença recebe um acento especial, a fim de lhe dar um destaque maior.

Remetendo-nos novamente a Mattoso Câmara Jr. (1976), verificamos que o autor compartilha da mesma ideia dos outros autores apontados em nosso estudo, “a anteposição do verbo tem um valor estilístico muito nítido, que consiste na melhor focalização da ação verbal como tema da comunicação” (1976, p.252).

Ao concluir sua obra *O tópico no português do Brasil*, Pontes (1987) afirma ser clara a evidência de a língua portuguesa manter predominantemente ainda a ordem SV, e que a ordem VS estaria mais ligada a casos especiais. Afirma ainda que a inversão da ordem se faz em função da introdução de elementos novos no discurso, estando o fator surpresa e a descontinuidade do tópico presentes na maioria dos casos.

Gonçalves (1997) esclarece que, apesar da possibilidade de inversão dos constituintes frasais em alguns casos no PB, essa é ainda uma língua em que a ordem das palavras tem um valor gramatical, pois, em algumas construções transitivas, ao inverter-se a ordem dos constituintes, modificamos o significado expresso pelo enunciado.

Apesar de já se terem empreendidos muitos estudos sobre a ordem de palavras do PB no geral, os trabalhos sobre o assunto consideram que o PB tem uma orientação SVO, considerando os casos de ordem VS os que se afastam da ordem canônica.

1.2.2 A ordem de palavras no espanhol

Em relação à ordem de palavras no espanhol, não parece ser a ordem VS tão marcada nessa língua se comparada a outras línguas tradicionalmente classificadas como SV (O), por exemplo, o PB. Schwartz (1975) considera que a ordem SV em espanhol concorre com uma forte rival, a ordem VS (O). Em suas análises a respeito da inversão da ordem em espanhol, Schwartz verifica que a ordem VS (O) em espanhol é possível em sentenças declarativas e interrogativas, como exemplificado em (01) e (02), respectivamente.

(01) Tiene usted la camisa toda ensangrentada. (SCHWARTZ, 1975)

(02) ¿Qué quieren decir estas señales? (SCHWARTZ, 1975)

O autor afirma também que há possibilidade da presença de verbo inicial tanto em sentenças interrogativas principais quanto em subordinadas, como, por exemplo, em (03) abaixo.

(03) ¿Sabe usted adónde ha ido paco? (SCHWARTZ, 1975)

O autor também levanta a hipótese, mais tarde estudada por Torrego (1984), do caráter opcional e obrigatório da ordem VS. De acordo com Torrego (1984), *a inversão livre do sujeito* e *a inversão obrigatória do sujeito* são duas regras que regem a inversão da ordem em espanhol. A inversão livre do sujeito, segundo a autora, é bastante abrangente, tendo as sentenças declarativas e interrogativas como parte de uma gama de possibilidades.

(04) a. Juan contestó la pregunta. (TORREGO, 1984)

b. Contestó Juan la pregunta. (TORREGO, 1984)

Outra possibilidade de *inversão livre do sujeito*, segundo Torrego, é a presença do advérbio inicial na sentença, como mostrado em (05).

- (05) Siempre lee lo mismo María. (TORREGO, 1984)

Em relação à *inversão obrigatória do sujeito*, Torrego esclarece que, em sentenças interrogativas diretas (orações independentes), como em (06), e indiretas (orações subordinadas substantivas), a inversão do sujeito é obrigatória. Contudo, a autora esclarece que os pronomes interrogativos *por qué*, *cómo*, *cúando* e *a medida qué* não requerem inversão obrigatória, como mostra (07).

- (06) ¿Qué querían esos dos? (TORREGO, 1984)

- (07) ¿En qué medida la constitución ha contribuido a eso? (TORREGO, 1984)

Outro caso de *inversão obrigatória do sujeito* se faz quando as sentenças interrogativas são compostas de aspectuais e modais, além do auxiliar *estar*.

- (8) ¿Qué viene Juan a hacer aquí? (TORREGO, 1984)

- (9) ¿Está María terminando el libro? (TORREGO, 1984)

Caso o auxiliar seja *ser* ou *haver*, todo o grupo verbal precede o sujeito:

- (10) ¿Qué ha organizado la gente? (TORREGO, 1984)

O último caso de *inversão obrigatória do sujeito* citado por Torrego (1984) retrata o caso das construções foco, derivadas de sentenças interrogativas, como mostra (11).

(11) Un viaje a las Canarias hizo Antonio este verano. (TORREGO, 1984)

Como podemos observar nos estudos de Torrego (1984) e Schwartz (1975), as restrições à ordem VS em espanhol são de ordem sintática porque, segundo Chaves (1987), uma regra de inversão livre permite que as sentenças SV (O) passem a ser VS (O) ou VO (O); e uma regra de inversão obrigatória do sujeito requer que determinadas estruturas tenham apenas a ordem VS.

Um trabalho significativo sobre ordem de palavras no espanhol é, sem dúvida, o de Gili Gaya (1961), que dedica um capítulo de sua gramática à ordem de colocação dos elementos oracionais. Nesse capítulo, ele trata da ordem como uma característica que contribui para determinar o valor funcional dos elementos da oração e diferencia a ordem direta da ordem inversa.

Segundo o autor, a relação interna entre o sujeito, o verbo e os diferentes complementos de um e outro se expressa por meio da concordância de palavras variáveis e do emprego de partículas e pronomes. A posição relativa de cada um dos elementos constitutivos da oração contribui também para determinar seu valor funcional. Os casos de ambiguidade se devem a construções que se chocam no idioma, e se tornam pouco claras ao ouvinte. Mas não é a exigência lógica da clareza que determina a ordem de palavras na produção da comunicação. O autor afirma que alguns fatores expressivos intervêm na posição dos constituintes da oração, a saber, o juízo lógico, a atenção, a vontade de destacar algum termo e atenuar outro, a intensificação, a afetividade, e finalmente, a necessidade ou hábitos rítmicos que deixam sentir sua influência de modo constante dentro de uma comunidade linguística, e de modo variável segundo a situação e o estilo pessoal de quem fala ou escreve.

Algumas regras a respeito da posição do verbo em relação ao sujeito e aos complementos, segundo Gili Gaya (1961), são as apresentadas em (12) a (14).

(12) Sujeito, verbo e complemento direto

- a. Mi padre compró una casa.
- b. Mi padre una casa compró.
- c. Compró mi padre una casa.
- d. Compró una casa mi padre.
- e. Una casa compró mi padre.
- f. Una casa mi padre compró.

(13) Sujeito, verbo e adjunto adverbial

- a. Juan vendrá a las siete.
- b. Juan a las siete vendrá.
- c. Vendrá Juan a las siete.
- d. Vendrá a las siete Juan.
- e. A las siete vendrá Juan.
- f. A las siete Juan vendrá.

(14) Verbo com dois complementos

- a. Una carta traigo para ti.
- b. Una carta para ti traigo.
- c. Traigo una carta para ti.
- d. Traigo para ti una carta.
- e. Para ti traigo una carta.
- f. Para ti una carta traigo.

De acordo com Gili Gaya (1961), é fácil perceber que todas as combinações acima são possíveis e corretas para o espanhol moderno, apesar de que algumas dessas ordens sentenciais eram empregadas apenas em poesias da época clássica, no século XIX, especialmente aquelas que levam o verbo para o final da sentença, maneira preferida dos escritores latinos até os últimos anos de República. Notamos, a partir disso, que a ordem da construção muitas vezes se baseia nas tendências ou preferências dominantes nas épocas e nos estilos literários.

A liberdade na colocação dos elementos das outras sentenças citadas obedece, sem dúvida, a uma limitação. O complemento direto não pode ir antes do sujeito se os dois puderem ser confundidos entre si. Se a confusão for possível, o sujeito vem obrigatoriamente antes. Por exemplo, *el arenal desvió la corriente* (o areial desviou a corrente de água),

bastaria colocar antes o complemento para que esse passasse a ser sujeito e vice-versa. Para que a troca seja possível é necessário que os complementos diretos venham precedidos pela preposição *a*, *el arenal desvió a la corriente*. Dessa maneira, podemos alterar a ordem sem alterar a função sintática dos termos.

Nos complementos indiretos e circunstanciais, o emprego quase sempre obrigatório de preposições que os caracterizam fazem igualmente livres suas posições na oração, sem riscos de ambiguidade.

O espanhol participa da tendência geral das línguas modernas de colocar o determinante após o determinado. Numa ordem linear perfeita, o sujeito iria seguido do verbo e a este seguiriam o complemento direto, indireto ou circunstancial. Entretanto, nenhuma língua pratica exclusivamente a ordem linear. Em espanhol, a possibilidade de emprego da preposição *a* como acusativo de coisa e a clareza das desinências verbais favorecem a liberdade de construção, que difere, por exemplo, da rigidez em que se encontram o francês e o inglês, afirma Gili Gaya (1961).

Segundo López Meirama (1997), os fatores expressivos que intervêm na construção da ordem estão ligados à atenção que o falante põe em determinados elementos oracionais, como, por exemplo, a vontade de destacar um elemento em detrimento de outro. Na gramática espanhola, a explicação para a maior frequência da anteposição do sujeito é a mesma da língua portuguesa; devido ao maior número de casos, transformou-se em hábito e, dessa maneira, passou o primeiro elemento a absorver mais atenção. Quando o verbo precede o sujeito, pode-se relacionar o fato a algum fator determinante da inversão da ordem canônica.

Outras teorias, como a de Rambaud (2000), consideram outras funções para a inversão da ordem de palavras. Em seu estudo *Orden de palabras y categorización lingüística*, a autora afirma ser a ordem de palavras um recurso de marcação utilizado para ressaltar os aspectos lingüísticos que o falante considera mais importante. Essa marcação pode ser manifestada por

meio de recursos morfológicos, sintáticos ou semânticos. Segundo a autora, a marcação pode ser um recurso isolado ou combinado a outros recursos.

O objetivo da marcação linguística feita pelo falante, segundo a autora, é o de produzir uma informação já ativada, conhecida, primeiro e deixar os dados menos acessíveis, que requerem maior atenção depois, em posições secundárias. Desse modo, a ordem de palavras pode ser explicada como uma necessidade de processamento da informação. Tanto Tomlin (1986) como Mithun (1992) coincidem em ver a informação temática fortemente relacionada com a seleção do foco de atenção.

De acordo com Tomlin, são três os princípios para a ordenação dos constituintes na oração:

- i) O princípio TFP (Theme First Principle) estabelece que a informação conhecida, velha, compartilhada, se situa em primeiro lugar.
- ii) o princípio do VOB (Verb Object Bonding) implica que o objeto de um verbo transitivo forma um vínculo mais coesivo, sintático e semanticamente, entre o verbo transitivo e o sujeito desse verbo.
- iii) O princípio AFP (Animated First Principle) estabelece que o que é mais animado na sentença se situa primeiramente.

Apesar de esses princípios explicarem grande parte das situações de ordem no espanhol, podemos constatar alguns problemas clássicos como a inversão da ordem canônica em construções como a dada em (15).

(15) Hay mucha gente en la entrada.

Este fenômeno pode ter várias explicações, como, por exemplo, um recurso de

marcação, como sugere Rambaud. Também se pode explicar pela desvinculação da função semântica e da sintática (DIK, 1989), na qual o sujeito sintático pode ter distintas funções semânticas.

Por outro lado, sabemos que o conteúdo semântico do verbo afeta a percepção do estado-de-coisas (DIK, 1989) e, portanto, dependendo de cada língua, afeta suas possibilidades de gramaticalização. Desse modo, um tipo de verbo existencial, como *haber* em espanhol, focaliza o processo, que se poderia descrever como um esquema cognitivo neutro que se aplica a seus argumentos. Diríamos que se estabelece um estado de coisas onde só se manifesta a existência dos participantes e das circunstâncias em que se manifesta a tal existência. De acordo com Dik (1989), desde o momento em que essa é a informação mais relevante, se altera a ordem linear e se produz a ordem VS.

A gramática tradicional espanhola tem mantido em geral uma atitude comum frente ao problema da ordem de palavras na oração: o espanhol segue um esquema básico em que ao sujeito se agregam os verbos e os objetos. Esse esquema SVO serve para estabelecer uma base a partir da qual se analisam as orações.

Alguns estudos realizados na língua espanhola sobre ordem de palavras, como o de Gutiérrez (1997), preferem considerar a língua espanhola como uma língua de ordem livre. Outros, como o de López Meirama (1997), consideram que o espanhol participa de uma tendência de construção linear SVO, mas que permite também que essa construção possa se alterar com facilidade, destacando alguns elementos diferentes do sujeito para ocupar a posição inicial, sem produzir ambiguidade.

Por ser a ordem de palavras um produto de vários fatores, e a inversão da ordem considerada natural SVO não ser regularmente ocasionada por questões de mesma natureza, tratar desse assunto requer o conhecimento e a análise de diversos estudos.

Em geral, a gramática espanhola estabelece que a inversão absoluta da ordem tem uma relação muito forte com o tipo de verbo expresso na oração, com a natureza intransitiva e com a atenuação dos elementos, entre outros fatores. Segundo López Meirama (1997), os fatores mais decisivos na inversão da ordem são:

- a) A inversão descritiva: relacionada a sons, cheiros e percepções;
- b) As formas que apresentam partícula *se*, especificamente na voz passiva e as que aparecem nas construções reflexivas;
- c) Orações interrogativas;
- d) Outros tipos de verbo, que proporcionam a inversão: os de movimento, de presença e de existência, de sensações, impressões e movimentos afetivos.

Muitos estudiosos trazem à tona, em suas pesquisas, essa questão, bastante discutida, em relação à ordem de palavras no espanhol: que o espanhol seria uma língua de ordem livre (Real Academia Española, 1924).

Em contrapartida, Ruhlen (1975) (*apud* GUTIÉRREZ, 1997) e Hawkins (1983) (*apud* GUTIÉRREZ, 1997) reconhecem a classificação do espanhol como uma língua de ordem básica junto a todas as outras línguas neolatinas. De fato, parece claro que, em orações com dois argumentos nominais distribuídos um a cada lado verbo, a ordem de classificação seja SVO. Entretanto, segundo Gutiérrez (1997), não podemos afirmar que essa seja a ordem predominante na língua espanhola.

Historicamente, verificamos que a questão da ordenação de constituintes não tinha muito valor nas gramáticas espanholas, em que se sustentava apenas a ideia de que a ordem seguia a expressão da clareza do pensamento.

Posteriormente, a Real Academia Española adotou uma postura menos radical, aceitando o fato de que existe uma grande variação quanto à ordem em que se colocam os sintagmas, elencando os seguintes condicionadores: i) motivos de clareza e ii) motivos

estilísticos (REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 1984:394)

Mithun (1992) e Quackenbush (1992) (*apud* GUTIÉRREZ, 1997), em suas pesquisas sobre ordem de constituintes em línguas consideradas de ordem livre, demonstram que há uma relação entre a distribuição dos sintagmas e o tipo de gênero apresentado.

Em todas as suas pesquisas em relação à questão da ordem no espanhol, Bentivoglio (1986/1993) comprova que, levando em consideração somente a linguagem oral, a colocação dos SNs plenos se relaciona diretamente a fatores pragmáticos.

Du Bois (1987) afirma que, ao se analisar a questão da ordem de palavras, é necessário levar em consideração a questão da Estrutura Argumental Preferida, que, segundo ele, influencia a ordem dos constituintes sentenciais por se relacionar ao número de SNs plenos presentes na oração e ao tipo de verbo (um ou dois argumentos).

Ainda que não se trate de dois blocos claramente separados, podemos notar dois enfoques ou tendências distintas na atitude dos gramáticos quando falamos sobre a ordem de palavras: i) a geral, que estuda a língua de maneira essencialmente gramatical, normativa; e ii) a atitude inovadora, aquela que, diferente da anterior, reflete sobre a língua em uso.

A partir dos estudos apresentados, concluímos que a língua espanhola, apesar de ser caracterizada como tradicionalmente de ordem SVO, conta com uma flexibilidade marcante chegando a ser considerada um língua que conta com duas ordens, tanto SV quanto VS, sendo as mesmas, fortes concorrentes.

1.2.3 A ordem de palavras no guarani

Segundo Dietrich (2009), a ordem básica do guarani tradicional e, conseqüentemente de seus dialetos, é OV, sendo a posição do sujeito relativamente livre na oração. Dessa maneira, a ordem básica seria tanto OSV, OVS, SVO como SOV.

(16) mo jawãtĩ ã-'u

‘la serpiente mordió el perro’.

‘a serpente mordeu o cão’.

Entretanto, devido ao contato intenso com outras línguas, como o português e o espanhol, o guarani tem se modificado ao longo do tempo. Em relação ao GP, língua que provém do tronco tupi-guarani, a influência do espanhol e do português é bastante acentuada.

Segundo Dietrich (2009), o GP é uma língua que se caracteriza por mais de quatrocentos anos de influência espanhola em sua fonologia, sintaxe e em seu léxico. Por meio dessa influência, a situação do GP moderno parece ser outra. A ordem OV, segundo o autor, não é impossível, porém é pouco frequente. As ordens SVO ou OVS dominam, não só na linguagem coloquial como também em textos literários.

(17) Juan o-hayhu Susána-pe

‘Juan quiere a Susana’

‘Juan quer Susana’.

O espanhol tem influenciado o guarani já há bastante tempo, o que tem tornado a ordem dos constituintes da oração um pouco mais flexível, assim como no espanhol. Dietrich acrescenta que a possibilidade de ambiguidade nas orações com objeto direto favorece a permanência da ordem SVO, como acontece no português e no espanhol.

Frente à situação de contato apresentada na comunidade de fala investigada, é necessário que caracterizemos esse contato linguístico que ocorre na região da fronteira Brasil/Paraguai, de onde provêm os sujeitos da nossa pesquisa. Passemos, então, no próximo

capítulo, a uma breve explanação sobre o bilinguismo presente na fronteira Bela Vista (MS)/Bela Vista Norte (PY), para que sejam verificadas as características ali presentes.

CAPÍTULO II

CONTATO LINGUÍSTICO NA FRONTEIRA

2.1 Caracterização do contato linguístico na fronteira Brasil/Paraguai

A região onde atualmente se situa o Município de Bela Vista (MS) teve sua história iniciada a partir de 1531, pelas incursões dos sertanistas portugueses Pero Lopes e Francisco Chaves, segundo dados da Confederação Nacional dos Municípios.

Por um longo período de tempo a região de Bela Vista foi palco de muitos confrontos entre portugueses e castelhanos e, em seguida, entre brasileiros e paraguaios, todos no intuito de agregar aquelas terras ao seu país de origem. Segundo a Confederação Nacional dos Municípios (CNM),

“o tratado de Santo Ildefonso, assinado em 01 de outubro de 1777, reconheceu os direitos do Brasil sobre a região de Bela Vista, restabelecendo como linha de limite o Rio Corrente, atual Rio Apa. Mesmo assim, em 1801, o Capitão Juan Caballero, do exército espanhol, cruza o Rio Apa, funda o Forte São José e ali se instala. No ano seguinte, forças brasileiras, do Presídio de Miranda, sob o comando do Tenente Francisco Rodrigues do Prado, atacaram e arrasaram o Forte, aprisionando a guarnição; morrendo durante a peleja o Capitão Caballero”.

As primeiras famílias a se estabelecerem nas terras de Bela Vista foram os Lopes, seguidos pelos Barbosa. Em 1864, estoura a Guerra do Paraguai, e a região se torna palco de encontros sangrentos. Já em 1867, o Coronel Camisão atravessa o Rio Apa, ocupa, no Paraguai, o Fortim Bela Vista e marcha até Laguna, e assim dá início à histórica e épica Retirada, conhecida na região como Retirada da Laguna.(CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS)

Novas correntes migratórias, oriundas principalmente do Rio Grande do Sul, encarregaram-se de complementar o povoamento de Bela Vista.

O município fora criado em 1908, todavia, a sede municipal só foi elevada à categoria de cidade, por força da Lei nº 772, de 16 de julho de 1918. Não se confirma historicamente a origem do nome do município. Histórias correntes por lá apontam para a influência da localização do Fortim Bela Vista, localizado na cidade de igual denominação, no Paraguai e fronteira com a sede do município brasileiro (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS).



Figura 1: Localização de Bela Vista no Estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: Internet<www.limg.com>

Bella Vista Norte é um município do Paraguai, departamento de Amambay, distante a 469 km de Assunção. Possui o mesmo nome da cidade de Bela Vista, no lado brasileiro, ambas separadas pelo Rio Apa. Além da cidade brasileira com nome semelhante, no Sul do Paraguai existe uma cidade com o mesmo nome de Bella Vista, por isso se agrega o "Norte"

para diferenciá-las.

Bella Vista Norte possui 10.267 habitantes no total. Banhada pelo Rio Apa, conta com uma produção agrícola e pecuarista, mas o destaque vai para o seu comércio Internacional, famoso pelos preços bastante inferiores aos do Brasil, influenciados pelo baixo imposto corrente no país vizinho.



Figura 2: Localização da cidade de Bella Vista Norte (PY).

Fonte: Internet <www.redeaguape.org.br>

A cidade em foco, Bela Vista, pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul e, localizada na fronteira Brasil/Paraguai, compartilha com seus moradores nativos ou vizinhos a miscelânea de línguas provenientes da proximidade e do livre acesso entre os dois países. O espanhol, o português e o guarani são línguas que mantêm intenso contato na região.

Do lado brasileiro a situação não é tão complexa. O português, adquirido naturalmente pelos brasileiros, é utilizado amplamente nas escolas localizadas na cidade de Bela Vista. Já do outro lado da fronteira, convivendo com um país oficialmente bilíngue, os paraguaios,

além de conviver com essa duplicidade de idiomas, permitida, considerando nossas escolas melhores que as deles, adentram em nosso país, em nossas salas de aulas, sendo dessa maneira, obrigados a adquirirem o português como L2.

A peculiaridade ocorre no desenrolar desse processo de aquisição. As crianças, em sua maioria, bilíngues, chegam às escolas e se veem obrigadas a adquirir o PB. Obrigadas, de fato, porque no ambiente escolar é proibido falar qualquer idioma que não seja o nosso. As crianças acabam, de uma maneira ou de outra, adquirindo a língua portuguesa ainda no período crítico, constituindo assim casos de bilinguismo ou multilinguismo (DE HEREDIA, 1989).

Segundo as professoras que colaboraram com essa pesquisa, as crianças paraguaias se isolam dos brasileiros, muitas vezes por timidez, dificultando assim que o processo de aquisição ocorra de maneira mais rápida. Elas buscam colegas paraguaios e conversam baixinho para não serem repreendidas. Até se tornarem fluentes em L2, o processo de aquisição do português dura pelo menos três anos, segundo informações dessas profissionais. As crianças chegam às escolas por volta dos seis anos, a maioria com pouco conhecimento do português, e quando atingem oito anos, já se comunicam de maneira bastante eficaz.

Para caracterizar melhor a situação de contato linguístico que atinge os seis sujeitos da nossa pesquisa, um dos aspectos preliminarmente investigado foi o conhecimento e uso de línguas assumidos por essas crianças no contexto familiar e escolar, conforme mostram os dados expostos nos quadros 1 e 2 abaixo.

Quadro 1: Uso das línguas no lar pelas crianças sujeito da pesquisa.

Informantes	Português	Espanhol	Guarani
B.	sim	Sim	sim
C.	sim	Sim	não
R.	sim	Sim	não
P.	sim	Sim	não
F.	não	Sim	sim
G.	não	Sim	sim

Quadro 2: Uso das línguas na escola pelas crianças sujeito da pesquisa.

Informantes	Português	Espanhol	Guarani
B.	sim	Não	Não
C.	sim	Não	Não
R.	sim	Não	Não
P.	sim	Não	Não
F.	às vezes	Sim	Não
G.	sim	Não	Não

Todas as seis crianças informantes, apesar de estudarem em escolas brasileiras, falam o português mais como meio de comunicação em ambiente escolar com brasileiros. O espanhol é falado e entendido por todos os informantes de maneira superior ao português, enquanto que o guarani fica restrito ao convívio familiar, sendo utilizado somente pelas crianças que mantêm diálogos com pais e avós monolíngues, ou seja, que dominam apenas o guarani.

Analisando os dados das duas tabelas, verifica-se que o uso do português pelos informantes, na maioria das vezes, é feito por necessidade, visto que, na escola, por ser localizada em território brasileiro, o uso do espanhol ou guarani é proibido durante o período que o aluno passa no ambiente escolar. Verificamos que uso do espanhol é predominante no ambiente familiar e o uso do guarani também não deixa de ser marcante. Embora esses resultados considerem somente as crianças informantes, eles refletem a situação que atinge todas as crianças submetidas a essa mesma situação, como tivemos oportunidade de constatar *in loco*.

Na interpretação do alto índice de uso do espanhol no ambiente familiar, observa-se que, apesar de se deslocarem em busca de ensino “melhor” no Brasil, em ambiente familiar as tradições e os costumes não se alteram.

No tocante à aquisição do PBL2, ocorre nesse ambiente fronteiriço um processo de transferência, entendido aqui como um processo caracterizado pela situação em que o

aprendiz de uma L2 utiliza conhecimentos linguísticos e habilidades comunicativas anteriores (seja da L1 ou de qualquer outra língua adquirida previamente) no momento de produzir e processar enunciados na L2 (ODLIN, 1989).

Ao tentar formular uma teoria que explicasse a interiorização e aquisição da L2, muitos estudiosos dedicaram-se à análise da transferência, da interferência ou da interlíngua e da fossilização. Nos anos 50, os estudos sobre a transferência remetem à ideia de que essa tem um papel fundamental na aprendizagem de línguas, chegando a sugerir que o que se aprende e como se aprende depende, em última instância, da influência da L1 (ALVAREZ, 2002). Essa teoria de transferência postula ainda que, ao aprender uma L2, o indivíduo tende a transferir as formas e significados da L1 e que as dificuldades ou facilidades de aprender uma língua é consequência direta das diferenças e/ou semelhanças que existam entre a L1 e a L2. Se existir semelhanças, o aprendiz poderá transferir as estruturas linguísticas e padrões culturais de sua L1 ao interagir com falantes nativos da L2 (ODLIN, 1989; ALVAREZ, 2002).

Outra teoria a respeito da transferência, a posição minimalista, representada por Newmark e Raibel (1968 *apud* ALVAREZ 2002), negava e/ou limitava ao mínimo qualquer possível influência da L1 na interiorização do novo sistema linguístico. Segundo estes autores, o aprendiz recorre a L1 quando seus recursos da L2 não lhe permitem levar adiante seus propósitos comunicativos (aqui a transferência seria uma estratégia de uso da língua).

O Modelo Ontogênico, proposto por Major (1987/2001 *apud* ALVAREZ 2002), afirma que, para a aquisição de uma L2, estabelece-se interrelação entre interferência e fatores desenvolvimentais. De acordo com esse modelo, no início da aprendizagem, existem quase somente processos de interferência, os quais, com o decorrer do tempo, diminuem, enquanto os processos desenvolvimentais aumentam e depois diminuem.

Pesquisas recentes mostram que a transferência se dá quando há algum grau de semelhança entre as duas (ou mais) línguas implicadas e que o falante de uma língua,

aprendiz de uma L2, ao perceber esta semelhança e sentir que o elemento que quer transferir é comum, ele o faz (ALVAREZ, 2002).

Em relação a nossa pesquisa, é importante ressaltar que, mesmo adquirindo o português, as crianças não o utilizam no ambiente familiar e social. Na fase de coleta dos dados, pudemos constatar que as crianças, quando surpreendidas fora da escola, falavam somente o espanhol e o guarani. Fatos como esse dificultam a possibilidade de se mensurar o nível e a qualidade dessa aquisição, que, na maioria das vezes, verifica-se o português transformando-se num “portunhol”, resultando na compreensão de todos por todos em todas as línguas.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Segundo Kleiman (1998), “somente uma investigação quantitativa pode detectar, entre outros fatores, a mudança causada por línguas em contato.” Dessa maneira, é um estudo quantitativo sobre o fenômeno variável no PBL2 em aquisição por crianças paraguaias que pode trazer resultados mais confiáveis ao que já se sabe sobre a interferência de línguas em contato.

3.1 Os Informantes

Para caracterizarmos os “sujeitos da pesquisa” é necessário que sejam pontuadas algumas questões sobre a situação em que esses sujeitos se encontram.

Os paraguaios, por considerarem a economia do seu país de origem inferior a do Brasil, em sua maioria, trabalham em nosso país e moram do outro lado da fronteira. Dessa maneira, é bastante comum o uso do sistema público de saúde (SUS) do Brasil, quando se trata da realização de partos de mulheres paraguaias. É relevante esse esclarecimento, uma vez que é a partir desse fato que crianças paraguaias nascidas no Brasil passam a ter direito não somente ao sistema de saúde público brasileiro, mas também ao ensino público.

Em nosso primeiro contato com o local, percebemos que é bastante significativa a presença de crianças paraguaias, residentes da cidade de Bella Vista Norte (PY), em escolas de Bela Vista (MS), fato que primeiro despertou nossa curiosidade linguística. Ou seja, a realidade nas escolas públicas em Bela Vista (MS) é bastante adversa. Encontramos por lá salas de aula com a presença de crianças brasileiras, falantes do PB e não conhecedoras do EP nem tão pouco do GP, crianças paraguaias falantes nativas do EP e do GP, porém não falantes do PB, e crianças que, devido ao constante contato entre as cidades, compreendem os três idiomas, sem ter domínio efetivo de todos eles.

Diante dessa realidade, interessou-nos investigar como se dava a aquisição do PBL2 pelas

crianças paraguaias e selecionamos, então, somente informantes paraguaios, que residiam no Paraguai, mas que estudavam nas escolas brasileiras, para tentarmos encontrar algum fenômeno linguístico relevante nessa situação de contato linguístico.

Selecionamos, então, **seis** crianças paraguaias, residentes na cidade de Bella Vista Norte (PY), **duas** delas estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, **duas** do segundo ano do Ensino Fundamental e **duas** estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental, em razão de apresentarem tempos diferentes de contato com o PB.

Como descrito em Gonçalves (1997), esse procedimento tem como maior objetivo a realização de um estudo transversal em aquisição, por não dispormos de tempo para o empreendimento de um estudo do tipo longitudinal, observando o desempenho das mesmas crianças em um período maior de tempo. Nossa escolha pelos primeiros anos do Ensino Fundamental se deve ao fato de que o tempo de contato efetivo com o PB por essas crianças seja igual ao ano/série em que elas se encontrem matriculadas. A hipótese para essa escolha é a de que à medida que aumenta o tempo de contato com o PB, diminuem possíveis interferências de padrões de L1 (GONÇALVES, 1997).

O quadro 3 apresenta as iniciais do nome dos informantes, a idade e a escolaridade correspondentes.

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE
1. P.	6 anos e 3 meses	1º ano do E. F.
2. B.	6 anos e 7 meses	1º ano do E. F.
3. R.	7 anos e 2 meses	2º ano do E. F.
4. G.	7 anos e 8 meses	2º ano do E. F.
5. F.	8 anos e 1 mês	3º ano do E. F.
6. C.	8 anos e 3 meses	3º ano do E. F.

Quadro 03: Dados das crianças informantes

O primeiro informante gravado, B., 6;7, é mais falante e com características bastante peculiares. B. é fluente nas três línguas, utilizando o português na escola, o espanhol com os amigos e o guarani com a família. Toda a família dele é paraguaia e fala guarani.

A segunda entrevista foi feita com duas irmãs, C., de 7;2, e R., de 8;3. Elas têm fluência tanto em espanhol quanto em português e não se comunicam em guarani. Moram no Paraguai juntamente com seus familiares. Importante ressaltar que as duas têm irmãos e primos brasileiros com os quais convivem nos finais de semana, contribuindo assim para suas fluências em PB.

A informante P., de 6;3, a mais nova de todos os informantes, reside no Paraguai e sua família é toda paraguaia. Todavia, seus irmãos mais velhos estudaram no Brasil, e ela, durante a entrevista, ressaltou o fato de eles ajudarem-na com a tarefa de casa.

O informante F., de 8;1, foi o menos disposto a conversar, talvez pela timidez ou até mesmo pela pouca fluência em PB. Residente no Paraguai e com família paraguaia, o informante utiliza em contexto familiar e social a língua espanhola.

O último informante, G., de 7;8, tem forte influência do EP visto que toda sua família fala EP, e o contato do informante com o português se dá somente na escola.

3.2 A coleta de dados e a composição do corpus

Os seis informantes selecionados foram entrevistados individualmente e em grupo na biblioteca da Escola Municipal “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, durante aproximadamente duas horas, perfazendo um total de 12 horas de gravação.

O conteúdo das entrevistas foi dos mais diversificados: histórias infantis, músicas, experiências pessoais, acontecimentos com familiares, colegas e comunidade escolar.

Ao proporcionar liberdade no conteúdo das entrevistas buscou-se deixar os informantes mais à vontade, desvencilhando-nos praticamente de qualquer preocupação com a forma, como orienta Tarallo (1985) na coleta de dados.

As entrevistas foram transcritas integralmente e, posteriormente, investigadas minuciosamente para a identificação de algum fenômeno que pudesse ser revelador da interferência de L1 no PL2, fase que nos conduziu à definição da ordem de palavras como fenômeno a ser investigado.

O passo seguinte foi então selecionar das entrevistas transcritas as unidades sentenciais mínimas. Foram eliminadas as sentenças sem verbo, sem sujeito ou sem uma combinação mínima sujeito/verbo, independente da ordem dos sintagmas na sentença, o que resultou num total de 440 sentenças.

3.3. Os fatores linguísticos e sociais investigados

O critério utilizado para se detectar a interferência sintática é a verificação dos fatores linguísticos e discursivos que condicionam a inversão da ordem de S e V, conforme indica literatura. Os fatores investigados são os apresentados no quadro 04 e explicitados individualmente nas subseções que seguem.

3.3.1 Grau de Transitividade da Construção

O primeiro critério sintático-semântico analisado diz respeito à transitividade da construção, que, segundo Hopper & Thompson (1980), é mais bem captada quando se verificam as relações semânticas, sintáticas e pragmáticas que se estabelecem entre os constituintes sentenciais. Aplicamos os critérios de classificação da transitividade estabelecidos por Hopper & Thompson (1980), mostrados no quadro 05, à página seguinte, os quais permitem classificar as sentenças como mais ou menos transitivas.

Ordenações dos constituintes: SV; VS
1. Fatores de ordem sintático-semântica a) grau de transitividade da construção (HOPPER & THOMPSON, 1980; TAYLOR, 1989) b) flexão do verbo (CHAVES, 1989); c) Estrutura do SN-sujeito (RUBIO, 2008); d) tipo de estado-de-coisas (DIK, 1989); e) advérbio no início da sentença (CHAVES, 1989); f) modalidade de frase; (TORREGO, 1984)
2. Fatores de ordem semântica a) tipo de verbo (HALLIDAY, 1994) b) animacidade do sujeito (CHAVES, 1989)
3. Fatores de ordem pragmática a) status informacional do sujeito (BENTIVOGLIO & WEBER, 1986)
4. Variáveis extralinguísticas a) informantes;

- b) sexo;
 c) tempo de contato com o português;
 d) fluência nas línguas em contato;
 e) grau de exposição ao português;

Quadro 04: Critérios adotados para análise dos dados da pesquisa.

Parâmetro	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	2 ou mais participantes (A e O)	1 participante
2. Cinese	Ação	Não-ação
3. Aspecto	Télico	Atélico
4. Pontualidade	Pontual	Não-pontual
5. Intencionalidade	Volição	Não-volição
6. Polaridade	Positiva	Negativa
7. Modalidade	Realis	Irrealis
8. Agentividade	A alta em potência	A baixa em potência
9. Afetamento de O	O totalmente afetado	O não afetado
10. Individualização de O	O altamente individualizado	O não-individualizado

Quadro 05: Parâmetros de transitividade (HOPPER & THOMPSON, 1980).

A depender das propriedades que se aplicam a uma dada construção, ela pode apresentar diferentes graus de transitividade, que consideramos como **alto** (18a), **médio** (18b) e (18c) **baixo**.¹

- (18) a. *O lobo mau **derrubou** a casinha.* [R. 7;2]
 b. *A professora já **disse** para ela estudar.* [P. 6;3]
 c. *A vovó que **fala** assim.* [P. 6;3]

O que verificamos em relação ao critério de transitividade da construção é que os autores são unânimes (PONTES, 1987; CHAVES, 1989, GONÇALVES, 1997; MATTOSO CÂMARA JR., 1985) ao apontar que a ordem VS é mais produtiva com verbos intransitivos e com verbos de ligação, enquanto com sentenças de grau médio e alto de transitividade tendem a produzir sentenças VS com efeitos poucos naturais ou agramaticais.

Segundo Bittencourt (1979) podem ser observados exemplos de posposição do sujeito com orações passivas, quando, ao serem transpostas para a voz ativa, essas orações se tornam agramaticais ou não preservam o sentido original, como mostram os exemplos em (19).

¹ Confira quadro 06, à p. 54.

- (19) a. Foram presos pela polícia vários assaltantes.
b. Vários assaltantes prendeu a polícia.

(BITTENCOURT, 1979)

Segundo a autora, um dos obstáculos para a posposição do sujeito é a transitividade do verbo. Votre e Naro (1984, p. 189) dividem a mesma opinião com Bittencourt (1979) ao afirmar que “as estruturas com *S* depois do *verbo* ocorrem com verbos sem *OD* superficial – as construções transitivas da fala estão quase sempre na ordem SVO”.

Lira (1982), por meio de suas pesquisas, demonstra que a inversão da ordem com verbos transitivos é pouco comum: os dados da autora revelam que de 646 verbos transitivos apenas 05 verbos apresentaram posposição do sujeito, em pesquisa realizada sobre o português falado no Rio de Janeiro. Lira (1982) utilizou os critérios estabelecidos por Hopper & Thompson (1980) para alcançar os resultados de sua pesquisa. A autora afirma que todas as sentenças VS com verbos transitivos presentes em seu corpus apresentaram baixo grau de transitividade, como em (20).

- (20) Tem 11 anos o cachorro.

(LIRA, 1982)

O baixo grau de transitividade pode ser confirmado ao verificarmos que a sentença acima tem somente um participante, objeto não-individuado e comum, por exemplo.

Pontes (1987), após verificar diversos estudos sobre a ordem VS em português, conclui que as características da inversão da ordem em nossa língua ficam restritas aos verbos de ligação e a certos tipos de verbos transitivos, como, por exemplo, os apresentativos e existenciais.

Dessa maneira, o critério por nós adotado *Grau de Transitividade da Construção* busca verificar se em uma construção com alto grau de transitividade há a tendência de se preservar a ordem canônica. Espera-se, portanto, que o baixo grau de transitividade de construções interfira na ordem SVO, produzindo a inversão entre S e V.

Para a codificação do grau de transitividade de uma dada ocorrência, a esta foram previamente aplicadas as propriedades de Hopper & Thompson (1980) dadas no quadro 05,

atribuindo-se os valores 1, se a propriedade se aplica, e 0 (zero), se ela não se aplica à construção sob análise. Ao final, somam-se os valores e confere-se o grau de transitividade da sentença, o qual pode variar de 1 a 10.

Para a implementação desse fator, consideramos então os seguintes graus de transitividade:

- (i) grau alto: variação de 8 a 10 pontos;
- (ii) grau médio: variação de 5 a 7 pontos;
- (iii) grau baixo: variação de 1 a 4 pontos.

A título de exemplificação da implementação desse grupo de fatores, considere as ocorrências dadas em (18), repetidas na coluna 1 do quadro, e as 10 propriedades do quadro 05, identificadas de P1 a P10, na primeira linha do quadro.

Enunciados / Propriedades transitivas	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	Grau
a. O lobo mau derrubou a casinha. [R. 7;2]	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
b. A professora já disse para ela estudar. [P. 6;3]	1	1	0	1	1	1	1	0	0	1	07
c. A vovó que fala assim. [P. 6;3]	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	04

Quadro 06: Exemplificação da apuração de grau de transitividade de sentenças.

3.3.2 Flexão Verbal

Outro fator analisado, a Flexão Verbal, tem suas bases teóricas nos trabalhos de Chaves (1989), Poplack (1979), Berlinck (1988) e Lira (1982) cujos resultados demonstram que a concordância verbal desfavorece a inversão da ordem SV para VS.

As pesquisas de Poplack (1979) mostraram o apagamento da marca plural no verbo com sujeito posposto. Também os resultados encontrados por Lira (1982), na fala dos cariocas, demonstraram um baixo índice de concordância quando aliada a posposição do sujeito à concordância verbal.

Berlinck (1988) afirma que vários são os estudos que apontam para uma associação entre a ordem VS e a ausência de concordância. No entanto, o que ainda não fica claro em relação a isso é se devemos considerar o sujeito posposto realmente como sujeito ou como objeto, como sugere

Pontes (1986). Lira (1982, p.195) argumenta que “Sujeitos pospostos diferem dos sujeitos básicos em relação à concordância; eles não ativam necessariamente a concordância”. A esse respeito, Pontes (1986, p.172) se pronuncia dizendo que, sua opinião “é que ele [sujeito posposto] não é sentido pelos falantes como sujeito. Por isso, eles não fazem a concordância”.

O enfoque pragmático de Givón (1976) utilizado por Decat (1983, p.35) reforça a tese da ausência de concordância com a ordem VS. A autora postula que “a concordância verbal se dá com o tópico e como o tópico vem no início da sentença, é evidente que a falta de concordância verbal com sujeitos pospostos se deve ao fato de essas sentenças apresentarem só o comentário”. A autora se refere a sentenças como as dadas em (21).

(21) Sumiu as notas de matemática

(DECAT, 1983)

Em nosso estudo, espera-se que a não-concordância verbal tenha efeito sobre a ordem VS no PBL2. Esse critério fica assim codificado:

i) presença de flexão verbal (22a)

ii) ausência de flexão verbal (22b).

(22) a. Ele **gira** também. [B. 6;7]

b. Mais eu e meu irmão num **precisa** disso. [F. 8;1]

3.3.3 Estrutura do SN-Sujeito

A estrutura apresentada pelo SN-sujeito aparece frequentemente na literatura como um dos fatores significativos para a verificação da ordem VS. Segundo Berlinck (1988) a maneira como se realiza o SN, seja pronominal, nominal ou oracional tem grande valia nos estudos sobre a inversão da ordem de palavras na sentença. Ainda segundo a autora, os resultados demonstram uma tendência mais acentuada para pronomes pessoais e nomes próprios como elementos que raramente se pospõem ao verbo.

Lira (1982) verificou em seus estudos que a posposição é mais provável com sujeitos constituídos de pronomes indefinidos. Além disso, o estudo da autora demonstra que estruturas do tipo *determinante + possessivo + N* apresentam uma probabilidade muito baixa de posposição.

Para o critério estrutura do SN-Sujeito, recorreremos à classificação usada por Rubio (2008), no estudo da concordância verbal. Sendo assim, os fatores desse grupo são:

- (i) SN-pleno simples (sujeitos formados por um SN que possua um só núcleo acrescido de determinantes e/ou modificadores); (23a)
- (ii) SN-pleno nu (sujeitos em que não ocorrem determinantes nem modificadores acompanhando o sujeito); (23b)
- (iii) SN-pleno composto (sujeito que possuam mais de um núcleo). (23c)
- (iv) pronome pessoal; (23d)
- (v) pronome demonstrativo; (23e)

- (23) a. Não é pra deixá copo no banheiro **os menino**. [B. 6;7]
 b. É de brincar **bola**. [R. 7;2]
 c. Mais **eu e meu irmão** num precisa disso. [F. 8;1]
 d. **Ela** me bate. [C. 8;3]
 e. **Esse** é preto. [R. 7;2]

Para os sujeitos do tipo *pronome pessoal* e *pronome demonstrativo*, consideraremos o vocábulo que está na posição nuclear do sujeito, sem, contudo, considerar os vocábulos que possam estar subentendidos no SN.

3.3.4 Tipo de estado-de-coisas (EsCo)

Uma proposta semântica para também fazer referência ao evento transitivo codificado na sentença pode ser buscada em Dik (1989), que propõe uma tipologia de estado-de-coisas (EsCo). Dik (1989) propõe um estudo da estrutura da oração, iniciando pelas predicções nucleares, que segundo ele, consistem de termos, que designam entidades do mundo, e de predicados, que designam propriedades de/ou relações entre tais entidades. A predicação nuclear como um todo designa um conjunto de estado de coisas (EsCo).

Um EsCo é concebido como algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental), estando sujeito a determinadas operações, ou seja, esse EsCo pode ser: localizado no espaço e no tempo; ter certa duração; ser visto, ouvido, ou, de algum modo, percebido. A natureza semântica

de toda uma predicação pode ser co-determinada pela natureza de seus argumentos e satélites com os quais o predicado combina. O EsCo é então uma função composicional de propriedades tanto de predicados quanto de termos.

Segundo Neves (2004, p.84), para melhor entendermos um EsCo e seu papel no funcionamento da língua, é necessário compreendermos a construção da estrutura subjacente. Segundo a autora “a construção da estrutura subjacente da cláusula requer, pois, antes de mais nada, um *predicado*”. O predicado ao ser aplicado a certo número de termos produz uma predicação, e essa predicação é que designa um EsCo, que seria uma codificação linguística que o falante faz da situação.

Verificamos que, num EsCo, é o predicado que estabelece relação entre entidades que desempenham papéis semânticos. É a predicação que faz a descrição correta de um EsCo.

Numa predicação ou EsCo contamos tanto com a presença dos *argumentos*, constituintes exigidos pela semântica do predicado, quanto com a presença dos *satélites*, informações suplementares. Além disso, podemos encontrar um EsCo especificando outro EsCo, que chamamos de *predicação encaixada* de uma *predicação matriz*.

Os mais importantes parâmetros para uma tipologia semântica dos estado-de-coisas são [+/- dinamicidade], [+/- telicidade] e [+/- controle]. Um EsCo [-din] ou Situação é o EsCo que não envolve qualquer mudança, ou seja, as entidades envolvidas são apresentadas como estando ou permanecendo as mesmas durante o tempo que o estado de coisa dura. Um EsCo [+din] ou Evento é o EsCo que envolve necessariamente algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno. Um EsCo [+tel] é o EsCo que, se for totalmente efetuado, alcança um ponto terminal natural, indica evento completamente acabado. Situações e Eventos [-tel] têm duração não limitada, já Eventos [+tel] têm duração limitada. Um EsCo é [+con] se a entidade representada pelo seu 1º. argumento tem poder de determinar a realização ou não do EsCo.

Adotando-se, nesta pesquisa, apenas os parâmetros de [dinamicidade] e [controle], a tipologia de Dik (1989) pode ser visualizada no quadro 07 a seguir.

	+ Dinâmico	- Dinâmico
+ controle	Ação (22a)	Posição (22b)
- controle	Processo (22c)	Estado (22d)

Quadro 07: Tipo de Estado-de-Coisas (DIK, 1989).

- (24) a. Daí eu **vai tomar** banho. [P. 6;3]
 b. Fogão novo **é**. [P. 6;3]
 c. **Transbordô** o rio. [G. 7;8]
 d. **Parece** um vulto o carro. [G. 7;8]

Essa tipologia de EsCo, embora não adotada em nenhum trabalho que fundamenta nossa pesquisa, nos parece bastante interessante, uma vez que será possível verificar se o tipo de EsCo interfere na ordem dos constituintes da sentença.

3.3.5 Presença do Advérbio Inicial

Em relação ao critério contexto precedente, focamos nossa análise na presença (25a) ou não (25b) de advérbio no início da sentença. Segundo Chaves (1989), a presença de advérbio em posição inicial da sentença é um fator bastante favorável à ordem VS, tanto no espanhol quanto no português da fronteira.

Outros estudos, como os de Corvalán (1982), apontam os mesmos resultados que os verificados por Chaves: que a presença de advérbio inicial favorece a ordem VS no espanhol e no português da fronteira. No PB falado na cidade do Rio de Janeiro, entretanto, não se mostrou significativo esse critério (LIRA, 1982).

- (25) a. **Lá** em casa a gente só fala português. [R. 7;2]
 b. Eu não sei a música do sítio. [R. 7;2]

3.3.6 Tipo Semântico do Verbo

Os critérios de caráter puramente semântico analisados foram dois: tipo semântico de verbo (HALLIDAY, 1994) e animacidade do sujeito (CHAVES, 1989). Como já apresentado por outros estudos (CHAVES, 1989; BENTIVOGLIO & WEBER, 1986), tipos semânticos de verbos

é grupo cujos fatores correlacionam-se com a inversão ou não de ordem. Dessa maneira, a classificação proposta por Halliday (1994) nos serviu de guia para esse critério adotado.

Procuramos observar em nossos dados se a inversão ou não da ordem de palavras ocorre sempre com verbos de mesmo tipo, segundo a classificação dada no quadro 08.

Tipos de processo	Exemplos
Material (24a) ação Evento	Fazer Acontecer
Comportamental (24b)	Comportar-se
Mental (24c) percepção afetivo cognição	Ver Sentir Pensar
Verbal (24d)	Dizer
Relacional (24e) atribuição identificação	Ser Atribuir Identificar
Existencial (24f)	Existir

Quadro 08: Tipos de processo (HALLIDAY, 1994, p.143)

- (26) a. Ela **brinca** na aula. [R. 7;2]
 b. De pé eles **ficam**. [B.6;7]
 c. A Camila não **sabe**. [R. 7;2]
 d. Minha mãe **disse** que não. [C. 6;3]
 e. O da minha mãe **é** mais bonito. [C. 6;3]
 f. Não **tem** sujeira nele. [B. 6;7]

3.3.7 Animacidade do Sujeito

Em relação à animacidade do sujeito, nos estudos realizados por Chaves (1989), verificou-se que sentenças de ordem VS, em relação às de ordem SV, são favorecidas pelo sujeito não-animado. Vários autores, ao estudarem os critérios que favoreceriam a ordem VS, verificaram que a animacidade do sujeito tem grande relevância. Givón (1976), em seus estudos sobre o hebraico falado, constatou que, em Israel, a ordem VS é favorecida quando o sujeito indefinido é [-humano]. Hatcher (1956, *apud* Chaves 1987) também constata que o sujeito [-animado] com verbos existenciais é bastante comum no espanhol, inglês e alemão.

Os estudos de Corvalán (1982), com o espanhol, também confirmam a tese de

favorecimento da ordem VS com sujeito [- animado]. Berlinck (1988) também afirma que a verificação do grau de animacidade do sujeito é um fator importante para o fenômeno da ordem. Ainda segundo Berlinck (1988, p.11), “a associação que se faz entre sujeito [- animado] e ordem VS faz parte de uma discussão bastante extensa sobre o estatuto sintático dos SNs pospostos”.

Pontes (1986) também verifica esse critério em seus estudos e afirma que existe uma tendência muito clara em se colocar depois do V os SNs de referentes [- animados]. Contudo, faz-se importante frisar a ressalva feita pela autora sobre a correta definição do que seria [+ ou – animado]. Essa dificuldade de definição, segundo a autora, estaria relacionada a propriedades como vida, movimento, agentividade, por si só noções de difícil definição.

Em relação a esse critério, realizamos a análise dos dados classificando os sujeitos em [+Humano] (27a), e [- Animado] (27b), tendo em vista que, ao cogitarmos uma classificação diferente, introduzindo o sujeito [+ humano, – animado], nos deparamos com uma classificação única na literatura: sujeito [+ humano] e [- humano] ou [- animado]; dessa maneira decidimos por manter essa mesma classificação.

- (27) a. **Eu** num sei como ele feiz isso. [B. 6;7]
 b. Era lindo **o cabelo dela**. [P. 6;3]

3.3.8 Status Informacional do Sujeito

O único critério de caráter pragmático verificado em nossa pesquisa é o status informacional do sujeito. Os estudos de Bentivoglio & Weber (1986) sobre a ordem de palavras na fala de espanhóis nos serviram como base para a classificação do sujeito quanto ao seu status informacional: sujeito nunca antes mencionado (novo) (28a) e sujeito previamente mencionado (dado) (28b).

- (28) a. **P:** Você estuda aqui faz tempo?
B: Da primera série.
P: Essa aqui é sua professora?
B: Não, **a Miraci** é minha professora. [B. 6;7]
 b. **P:** E você gosta da sua professora?

B: Gosto. Mas **ela** não deixa a gente subi na árvore. [B. 6;7]

Segundo Chafe (1976), o status informacional se caracteriza da seguinte maneira: quando é informação dada, o falante assume que tal informação esteja disponível na consciência do destinatário no momento da enunciação, e quando constitui informação nova, contrariamente, o falante assume que tal informação não esteja disponível ao ouvinte. Consideramos, entretanto, dado e novo como referente mencionado ou não mencionado em porção anterior do discurso. A proposta de Chafe parece pouco adequada para tratar os dados de crianças ainda em fase de aquisição do PB, dado o grau de proficiência dessas crianças e a pouca familiaridade existente entre elas e a pesquisadora.

Outros estudos apontam para a tradicional inserção do sujeito em posição pós-verbal quando o mesmo introduz informação nova, como aponta Keenan (1976 *apud* BERLINCK 1988). Conclusões semelhantes são encontradas em Votre e Naro (1984), para o português do Brasil, e em Castilho (1987), para o português oral culto de São Paulo.

3.3.9 Modalidade de frase

O critério adotado *modalidade de frase* baseia-se nas regras de inversão livre e obrigatória do sujeito em espanhol, segundo Torrego (1984). A inversão livre do sujeito é bastante abrangente, tendo as sentenças declarativas e interrogativas como parte de uma gama de possibilidades, além da presença do advérbio inicial.

Em relação à inversão obrigatória do sujeito, Torrego esclarece que, em sentenças interrogativas diretas (orações independentes) e indiretas (orações subordinadas substantivas), a inversão do sujeito é obrigatória. Contudo, a autora esclarece que os pronomes interrogativos *por qué*, *cómo*, *cúando* e *en qué medida* não requerem inversão obrigatória.

Outro caso de inversão obrigatória do sujeito ocorre quando as sentenças interrogativas são compostas de aspectuais e modais, além do auxiliar *estar*. Caso o auxiliar seja *ser* ou *haver*,

todo o grupo verbal precede o sujeito. O último caso de inversão obrigatória do sujeito citado por Torrego (1984) retrata o caso das construções foco, derivadas de sentenças interrogativas.

Em relação a esse critério, realizamos a análise dos dados classificando as frases em declarativas (29a) e interrogativas (29b) apenas, porque outros casos de inversão possivelmente sob influência de L1 não ocorrem.

- (29) a. A Miraci é minha professora. [B. 6;7]
O da minha mãe é mais bunito. [C. 6;3]
b. O que faz a fada? [P. 6;3]
Fechô o sinal? [G. 7;8]

Com o controle dessa variável, a expectativa é a de que contextos interrogativos favorecem a inversão do sujeito e do verbo, como resultado de transferência de regras de L1 das crianças investigadas.

3.3.10 Gênero

Do total de 6 informantes selecionados para nossa pesquisa, 50% (3) são do gênero masculino, e os 50% (3) são informantes do gênero feminino.

3.3.11 Tempo de contato com o português

Por se tratar de um estudo transversal, nossos informantes foram também divididos de acordo com o tempo de contato que mantinham com o PB falado na fronteira. A divisão corresponde a 1 (um) ano de contato, a 2 (dois) anos de contato e a 3 (três) anos de contato.

A expectativa com esse grupo de fatores é que, como mostrado por Gonçalves (1997), à medida que aumenta o tempo de contato com o PB diminui a interferência de padrões de L1 sobre L2. Assim, crianças que se encontram no 3º. ano de contato com o PB apresentarão índices menores de inversão do que aquelas que estão no 2º. ano, e estas, índices menores do que as de 1º. ano.

3.3.12 Fluência nas línguas de contato

Outro critério adotado em nosso trabalho diz respeito à fluência que os informantes possuem nas três línguas encontradas na fronteira, PB, EP e o GP. Primeiramente esse critério ficou dividido da seguinte forma:

- i) fluência no PB e no EP;
- ii) fluência no EP e no GP;
- iii) fluência no PB, no EP e no GP.

Posteriormente, ao ser verificado que não havia a segunda combinação proposta, ela foi excluída, acarretando a seguinte divisão:

- i) fluência no PB e no EP;
- ii) fluência no PB, no EP e no GP.

Importante a destacar é que esse grupo não leva em conta o nível de fluência em cada uma das línguas nem a equiparação entre cada nível, mas apenas se criança tem a capacidade de se comunicar nas línguas em contato (cf. seção 3.1. e capítulo 3).

3.3.13 Grau de exposição ao PB

O último critério social adotado corresponde ao grau de exposição ao português. Esse critério verifica se:

- i) a exposição ao PB ocorre apenas na escola ou se
- ii) a exposição ao PB ocorre tanto na escola quanto na família.

A classificação das ocorrências segundo esses dois últimos fatores leva em consideração dados colhidos *in loco* e em entrevistas com os adultos com os quais as crianças mantêm contato: professores, coordenadores, pai e mãe.

3.4 Da quantificação e da análise dos dados

Para a realização da análise quantitativa, o processamento dos dados foi feito eletronicamente, empregando-se o “pacote” estatístico GOLDVARB criado com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis. Esse programa extrai além das frequências

expressas em números absolutos e em porcentagens também os pesos relativos dos fatores linguísticos e sociais no condicionamento da variável dependente, bem como permite estabelecer o cruzamento dos fatores considerados.

Dá-se início ao processo de verificação codificando as ocorrências selecionadas, passando pela análise unidimensional, a partir da qual são extraídas as frequências, e por último a análise bidimensional, que fornece os pesos relativos. A importância da análise bidimensional se faz por serem os pesos relativos resultados mais seguros em relação às porcentagens. Peso relativo menor que 0.5 para um determinado fator revela que este desfavorece a aplicação de uma dada regra.

Diante do exposto, partimos, no próximo capítulo, para a análise dos resultados apresentados pelo pacote estatístico GOLDVARB.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguem neste capítulo os resultados alcançados na investigação da inversão da ordem de palavras no PBL2 em aquisição por crianças paraguaias que estudam no Brasil. São expostos e discutidos aqui os resultados apurados para cada uma das variáveis postuladas e discutidas no capítulo anterior.

4.1 Análise dos resultados

Das 440 ocorrências analisadas em nosso trabalho, 380 (86,4%) apresentaram ordem SV, enquanto 60 (13,6%) ocorrências apresentaram ordem VS. Na tabela e no gráfico abaixo, observam-se os percentuais acima apresentados.

Tabela 1: Número de ocorrências analisadas e percentual de ordem SV e VS.

Ordem SV	Ordem VS	Total
86,4% 380/440	13,6% 60/440	100% (440)

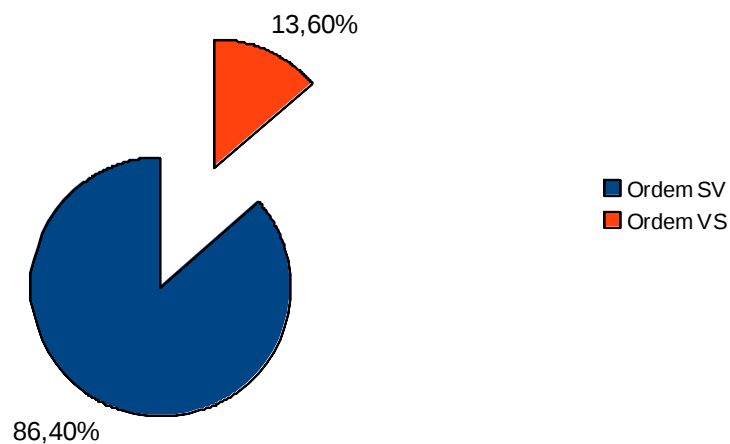


Gráfico 1: Percentual geral de Ordem SV e VS.

A presença da ordem VS era esperada, tendo em vista os trabalhos já realizados sobre o assunto, os quais demonstram que alguns fatores são condicionadores da inversão da ordem canônica, como, por exemplo, verbos intransitivos, existenciais, advérbio inicial e status informacional do sujeito.

Como observamos acima, o percentual de ordem SV prevalece consideravelmente sobre a ordem VS, entretanto, constatamos que a presença da ordem VS é relevante se comparada aos resultados já obtidos sobre o mesmo assunto.

4.1.1 Comparativo dos resultados gerais²

Efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo com os resultados obtidos por Chaves (1987), a saber, estudo realizado na mesma comunidade de fala que a pesquisada em nosso trabalho, diferindo apenas na idade dos informantes. Em nosso trabalho os informantes selecionados são crianças de seis a oito anos, enquanto no trabalho de Chaves (1987) os informantes são adultos com idade entre 18 e 60 anos, portanto todos sujeitos fora do período crítico de aquisição da linguagem e, portanto, da fixação de padrões de L2. Observemos os resultados abaixo.

Tabela 2: Comparativo do percentual de ordem SV e VS entre os dois estudos

Estudos realizados	Ordem SV		Ordem VS		Total
Informantes crianças	380/440	86,4%	60/440	13,6%	100%
Informantes adultos (Chaves, 1987)	1.230/1.306	94,2%	76/1.306	5,8%	100%

² Caso haja similaridade dos critérios adotados, os resultados serão sempre comparados ao trabalho de Chaves (1987), bem como a outros trabalhos relevantes.

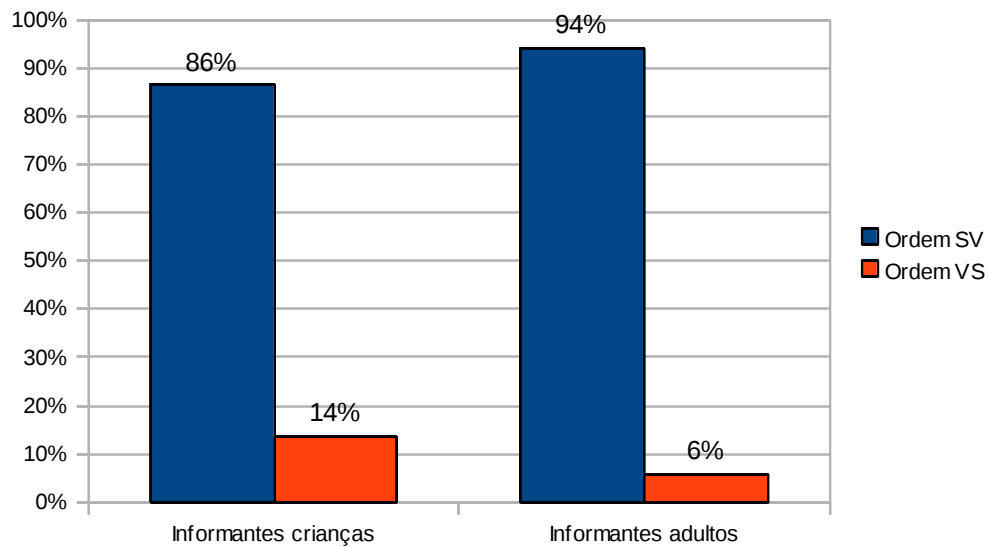


Gráfico 2: Comparativo do percentual de ordem SV e VS entre os dois estudos

Ao compararmos os índices apresentados, podemos verificar um percentual mais elevado de ordem VS quando os informantes são crianças (13,6%) do que quando os informantes são adultos (apenas 5,8%), diferença bastante significativa a nosso ver. Esse percentual de ordem VS na fala das crianças pode ser explicado não só pela influência do espanhol, que também se faz presente na fala dos adultos, mas também pelo postulado de Givón (1979) que trata do processo de sintaticização envolvendo diferenças entre a fala da criança e a fala do adulto de modo geral: enquanto esta é marcada por uma maior rigidez dos padrões sintáticos, aquela, estruturada pragmaticamente, apresenta uma sintaxe mais “frouxa”, diferenças que também se verificam entre escrita e fala, estilo formal e informal, crioulos e pidgns. Sob tal postulado, concluímos que, nos estágios mais iniciais da aquisição do PBL2 a ordem de palavras é mais livre, também por razões pragmáticas, e nos estágios finais, se torna mais fixa, mais sintaticizada, portanto.

4.1.2 Ordem de significância dos fatores considerados

Dos fatores sociais e linguísticos propostos para a análise, alguns se mostraram relevantes, em maior ou menor nível, conforme mostrado em (30), pela ordem de significância indicada pelo GOLDVARB. Nas próximas seções, passamos a expô-los individualmente.

- (30) Ordem de significância das variáveis selecionadas
- 1^a.) *status informacional do sujeito*
 - 2^a.) *tipo de Estado de Coisas*
 - 3^a.) *presença do advérbio inicial*
 - 4^a.) *animacidade do sujeito*
 - 5^a.) *fluência nas línguas de contato*

Como se observa em (30), das cinco variáveis selecionadas, uma é de natureza pragmática (1^a.), duas são de natureza semântica (2^a. e 4^a.), uma de ordem sintática (3^a.) e uma de ordem social (5^a.).

4.1.3 Status Informacional do Sujeito

O grupo de fatores *status informacional do sujeito* foi selecionado como o mais relevante entre os analisados em nosso trabalho. Único critério pragmático selecionado, foi proposto por ser amplamente aceita a ideia de que o sujeito portador de informação nova tende a pospor-se ao verbo. Os resultados desse fator discursivo são semelhantes quando comparamos a produção de informantes adultos e a de crianças.

Na sequência, expomos na tabela 3, seguida do gráfico 3, o percentual para as variantes *Dado* e *Novo* e seus respectivos pesos relativos (PR, daqui em diante).

Tabela3: Frequência e PR da ordem SV e VS, segundo o grupo de fatores *status informacional do sujeito*

Status Informacional \ Ordem	VS		SV	
	Freq.	P.R.	Freq.	P.R.
Dado	21/60 35%	0,38	274/380 72,1%	0.62
Novo	39/60 65%	0.72	106/380 27,9%	0.28

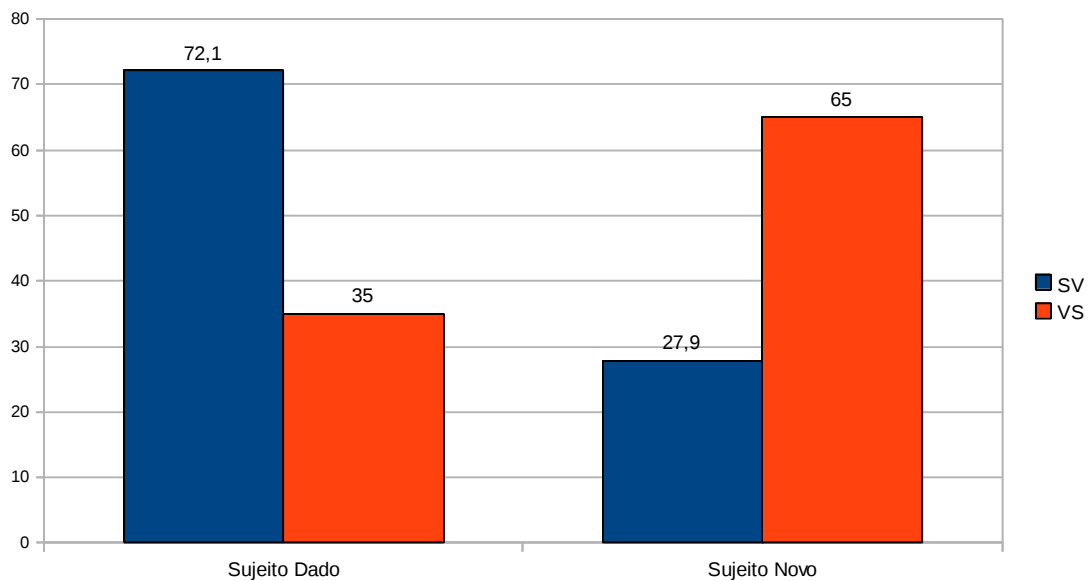


Gráfico 3: Percentual de Ordem SV e VS, em relação ao grupo *status informacional do sujeito*

Verificamos por meio da tabela e do gráfico apresentados que a ordem SV é favorecida pelo sujeito Dado, ou seja, pela informação já pressupostamente presente na consciência do ouvinte ou mencionada em discurso anterior. Mas, quando levamos em consideração a ordem VS, o percentual eleva-se consideravelmente quando se trata de sujeito Novo, ou seja, quando se trata de informação nova para o ouvinte.

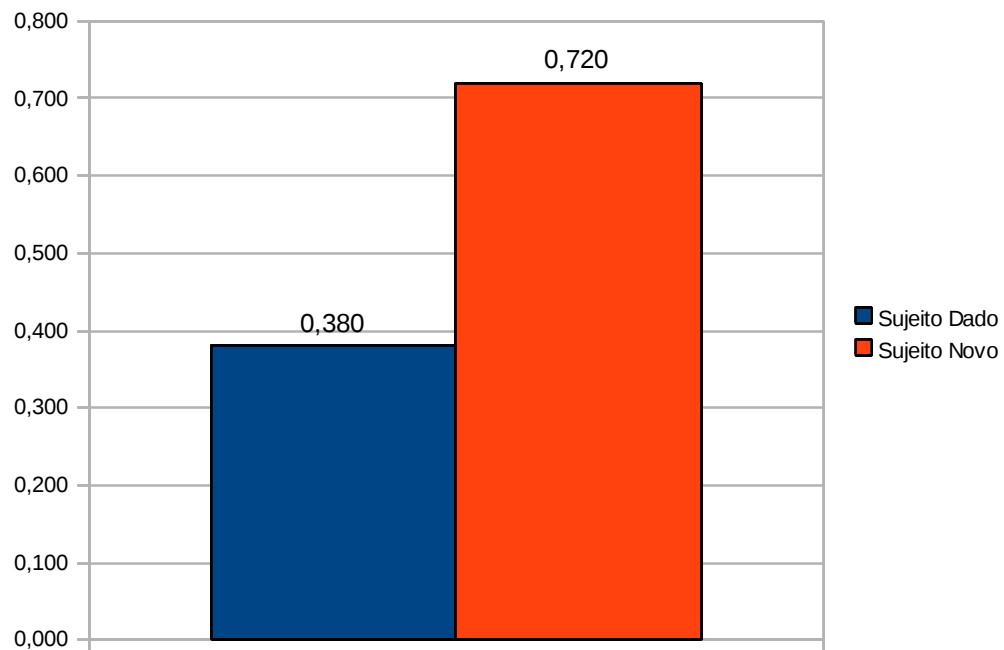


Gráfico 4: PR da Ordem VS, em relação ao grupo *status informacional do sujeito*

O gráfico apresentado acima ratifica a ideia de que o sujeito novo é um fator determinante de inversão da ordem de palavras. O PR da Ordem VS apresentado é bastante significativo e corrobora resultados de outros trabalhos que utilizam esse grupo de fator, o que demonstra haver uma forte tendência de posposição do sujeito quando este constituir informação nova.

4.1.3.1 Comparação com outras pesquisas

Ao compararmos os resultados apresentados em nosso trabalho aos resultados apresentados por outras três pesquisas evidencia-se um comportamento regular do grupo de fatores *status informacional do sujeito*.

Tabela 4: Comparação da frequência³ de ordem SV e VS, segundo o grupo de fatores *status informacional do sujeito* em diferentes pesquisas.

Pesquisa Status informacional	PBL2 de crianças da fronteira		PBL2 de adultos da fronteira Chaves (1987)		Lira (1982) PB adulto do Rio de Janeiro		Corvalán (1982) Espanhol adulto falado nos EUA	
	% SV	% VS	% SV	% VS	% SV	% VS	% SV	% VS
Dado	72,1	35,0	96,0	43,4	-	37,0	61,0	39,0
Novo	27,9	65,0	4,0	56,5	-	63,0	39,0	61,0

Por meio da tabela apresentada acima, é possível notar que as porcentagens indicam uma forte tendência de a informação nova aparecer após o verbo e de a informação dada vir antes do verbo, independentemente de se tratar de L2 já adquirida ou ainda em fase de aquisição, como revelam nossos resultados comparados aos de Chaves (1989), ou de PB falado como L1 ou como L2, como mostram nossos resultados e o de Chaves (1989) comparados ao de Lira (1982). Aliás, a convergência desses resultados com o de Corvalán (1982) parece apontar para a atuação do fluxo de informação na ordenação SV e VS como um princípio universal.

Diante desses resultados comparativos, embora não se negue a importância do fator *status informacional* na ordenação de constituintes, não se pode considerá-lo fator atuante na interferência de padrões de L1 no PBL2 em aquisição pelas crianças da fronteira. Tal fator só seria significativo para a presente pesquisa se o resultado fosse divergente do apresentado na literatura, o que não é o caso.

4.1.4 Tipo de Estado-de-Coisas

Para o grupo de fatores *Tipo de Estado-de-Coisas*, segundo em ordem de relevância, o objetivo inicial era o de verificarmos se o tipo de EsCo, ou seja, a semântica da predicação

³ Algumas comparações com outras pesquisas serão feitas por meio de frequência e não de peso relativo, devido ao fato de as pesquisas, que consideramos como fundamentais para efeito de comparação, trazerem seus resultados apenas em porcentagem.

interferiria na ordem dos constituintes da sentença. O que torna esse grupo de fatores mais relevante é o fato de ele não ter sido adotado em nenhuma das pesquisas que serviram como referência para nosso estudo.

Os parâmetros para uma tipologia semântica dos EsCo dotados por nosso trabalho é a repetida no quadro 09 abaixo.

	+ Dinâmico	- Dinâmico
+ controle	Ação	Posição
- controle	Processo	Estado

Quadro 09: Tipo de Estado-de-Coisas

Os resultados apontam para dois tipos de EsCo, *ação* e *posição*, relevantes para a permanência da ordem SV, e apenas um, *ação*, para a ordem VS. Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem na tabela 5 e nos gráficos 5 e 6.

Tabela 5: Frequência de SV e VS para o grupo de fatores *tipo de estado-de-coisas*.

Ação		Posição		Estado		Processo	
SV	VS	SV	VS	SV	VS	SV	VS
186/380 48,9%	33/60 55,0%	182/380 47,8%	19/60 31,6%	10/380 2,63%	3/60 5,0%	2/380 0,52%	5/60 8,3%

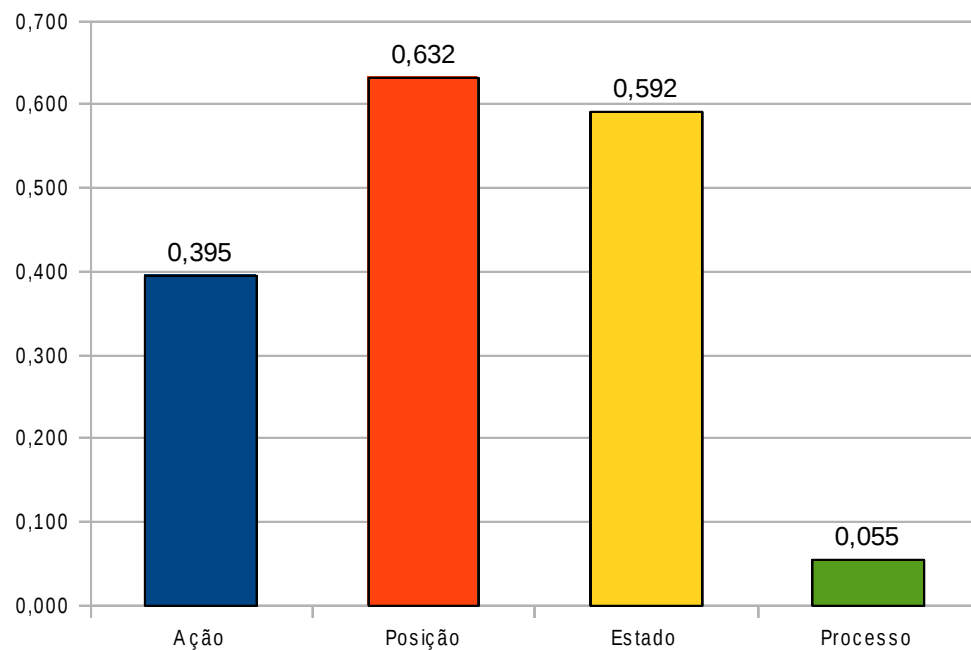


Gráfico 5: PR da ordem SV para o grupo de fatores *tipo de estado-de-coisas*.

Por meio dos pesos relativos apresentados, constatamos que, diferentemente dos resultados percentuais, apenas o EsCo *posição*, com PR .63, favorece consideravelmente a permanência da ordem SV, enquanto o EsCo *ação* (PR. 0,39) desfavorece essa mesma ordem. O EsCo *estado* embora apresente peso relativo pouco acima de .50, ele ainda permanece em posição praticamente neutra no condicionamento da regra de ordenação SV e VS.

O PR para cada uma das variantes de tipo de EsCo associadas à ordem VS segue apresentado no gráfico 6 abaixo.

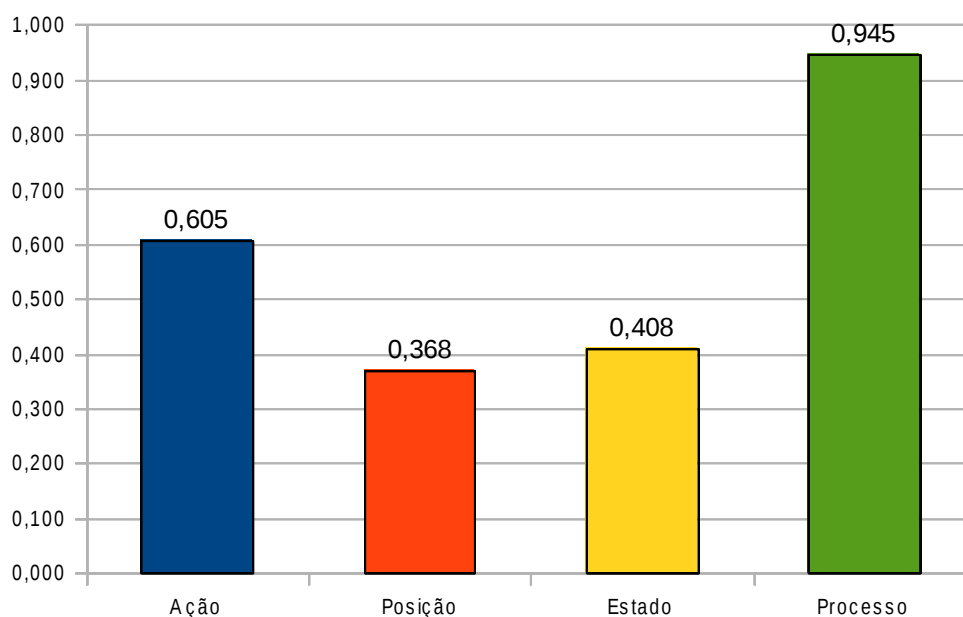


Gráfico 6: PR da ordem VS para o grupo de fatores *tipo de estado-de-coisas*.

Por meio do gráfico apresentado acima, PR da ordem VS para o grupo de fatores *tipo de estado-de-coisas*, é possível notar que o EsCo *processo* assume um papel de destaque (PR 0,945) quando nos referimos à ordem VS, demonstrando ser esse fator de forte tendência à inversão da ordem de palavras.

Verificamos também, por meio do gráfico apresentado, que o EsCo *ação* assume forte tendência à ordem VS, o que já era esperado, uma vez que o mesmo apresentou PR .395 no gráfico relativo à ordem SV. Sendo assim, concluímos que os EsCo *posição* e *estado* assumem forte tendência à permanência da ordem canônica, enquanto que os EsCos *processo* e *ação* tendem à ordem VS.

4.1.5 Presença de Advérbio Inicial

Para o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*, a expectativa era a de que esse fator se mostrasse favorável à inversão da ordem SV, tendo em vista a regra de inversão livre do sujeito presente na língua espanhola. Segundo a regra de inversão livre do sujeito em espanhol, quando há a presença de advérbio no início da sentença o sujeito pode vir anteposto

ou posposto ao verbo, sem restrições. Dessa maneira, em se tratando do português em aquisição como L2 na fronteira, é de se esperar que a presença do advérbio inicial favoreça a ordem VS.

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem na tabela 6 e no gráfico 7.

Tabela 6: Frequência e PR da ordem de palavras, segundo o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*.

Ordem Advérbio inicial	SV	VS	Peso Relativo Ordem VS
Presença	11/380 2,9%	9/60 15,0%	0.853
Ausência	369/380 97,1%	51/60 85,0%	0.479

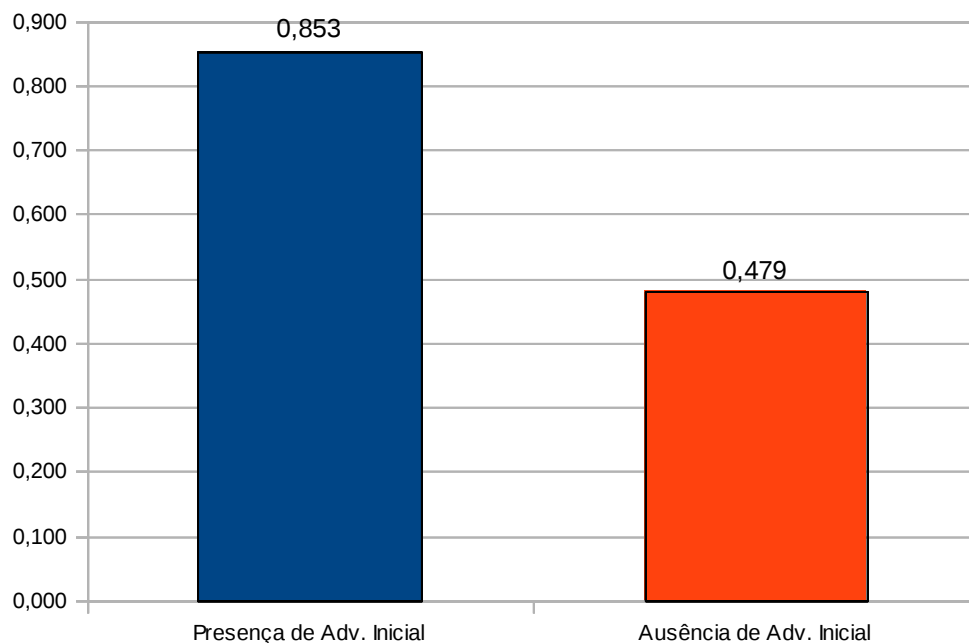


Gráfico 7: PR ordem VS, em relação ao grupo de fatores *presença de advérbio inicial*.

Os resultados apresentados demonstram que a presença de advérbio inicial é um fator bastante favorável à ordem VS, confirmando nossa hipótese inicial. Os pesos relativos

ratificam a hipótese inicial, uma vez que apresentam forte tendência à ordem VS quando há a presença de advérbio no início da sentença (PR 0.853).

4.1.5.1 Comparação de resultados

Por meio da comparação dos resultados obtidos em nossa pesquisa com os de Chaves (1987), para o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*, é possível observar que a presença de advérbio no início da sentença é um fator que favorece a ordem VS no PBL2 dos adultos muito mais do que no das crianças, como revelam os resultados comparativos da tabela 7.

Tabela 7: Comparação da frequência de SV e VS no PBL2 de adultos e crianças, segundo o grupo de fatores *presença de advérbio inicial*, obtida em outra pesquisa.

PBL2 Advérbio inicial	Crianças da fronteira		Adultos da fronteira Chaves (1987)	
	SV	VS	SV	VS
Presença	11/380 2,9%	9/60 15,0%	229/1230 18,6%	44/76 57,9%
Ausência	369/380 97,1%	51/60 85,0%	1001/1230 81,38%	32/76 42,1%

O resultado obtido por Chaves (1987) demonstra que a presença de advérbio inicial é bastante favorável à ordem VS (57,9% dos casos), fato que, segundo a autora, pode ser explicado como base no trabalho de Corvalán (1982), que considera o advérbio inicial um mecanismo apresentacional introdutório. Nossos resultados em porcentagem não são tão representativos quanto os de Chaves (1987), o que não é observado quando falamos em PR, mas demonstram claramente que quando ocorre advérbio no início da sentença é maior a frequência de ordem VS (15%) do que de SV (2,9%).

4.1.6 Animacidade do Sujeito

Para este grupo de fatores, verifica-se na literatura consultada que a ordem VS é favorecida quando o sujeito é não-humano (GIVÓN, 1976). O mesmo resultado encontramos em Lira (1982), em que é apresentada a grande probabilidade de o sujeito posposto ser não-animado. Assim, a expectativa era a de que haveria maior percentual de ordem SV quando o sujeito fosse [+ humano] e VS, quando fosse [-humano] ou seja [-animado]. Os resultados obtidos para o grupo de fatores *animacidade do sujeito* são apresentados na tabela 8 e no gráfico 8.

Tabela 8: Frequência e PR da ordem SV e VS, segundo o grupo de fatores *animacidade do sujeito*

Animacidade do Sujeito	Frequência		Peso relativo Ordem VS
	SV	VS	
[+ humano]	348/380 91,5%	40/60 66,6`%	0.468
[- animado]	32/380 8,5%	20/60 33,4%	0.795

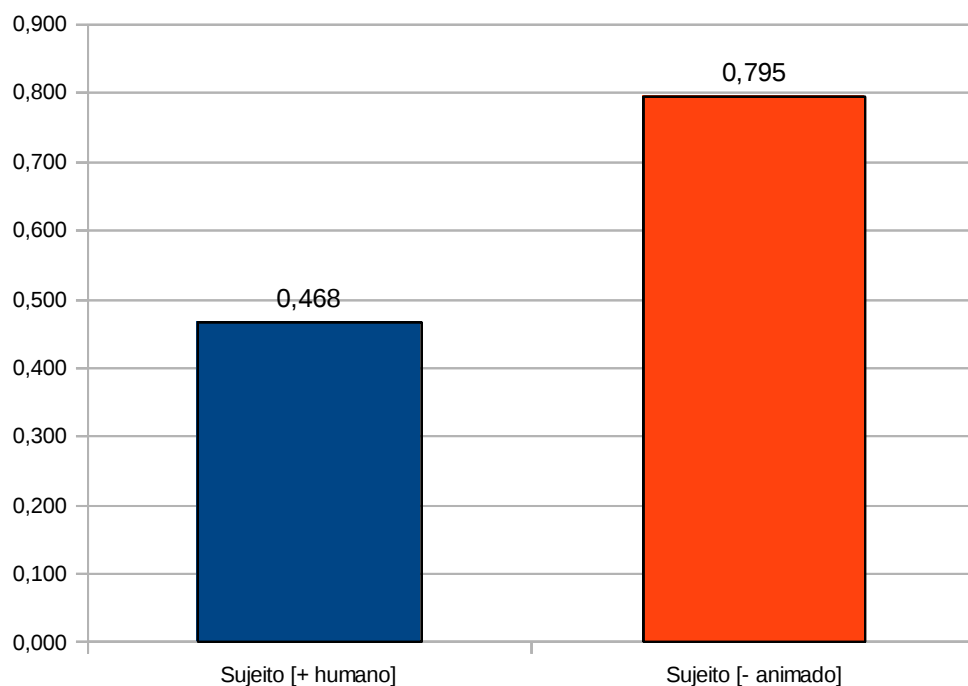


Gráfico 8: PR da ordem VS, em relação ao grupo de fatores *animacidade do sujeito*.

Como podemos observar, a hipótese se confirma em relação ao sujeito [+ humano]. Verificamos que a ordem SV é favorecida pelo sujeito [+ humano] enquanto que a presença de sujeito [- animado] favorece a ordem VS.

Podemos observar, como previsto em trabalhos anteriores, que a hipótese inicial se confirma: maior é a probabilidade de se permanecer a ordem SV, quando se trata de sujeito [+ humano].

Dessa maneira, concluímos que em relação à *animacidade do sujeito* a hipótese se confirma: o sujeito [- animado] tem grande tendência à ordem VS (PR 0.795), enquanto que [+ humano] tende à manutenção da ordem SV (PR 0,468).

4.1.6.1 Comparação de resultados

Ao considerar o estudo realizado por Chaves (1987), chega-se à conclusão de que os resultados são semelhantes, tendo em vista que o trabalho apresenta maior percentual de ordem SV com sujeitos [+ humanos] e aumento de percentual de ordem VS com sujeitos [- animados].

As comparações realizadas são apresentadas na tabela 9.

Tabela 9: Comparação da frequência de SV e VS no PBL2 de crianças e adulto, segundo o grupo de fatores *animacidade do sujeito*

PBL2 Animacidade do Sujeito	Crianças da fronteira		Adultos da fronteira Chaves (1987)	
	SV	VS	SV	VS
[+ humano]	348/380 91,5%	40/60 66,6%	1175/1230 95,5%	63/76 82,9%
[- animado]	32/380 8,5%	20/60 33,4%	55/1230 4,5%	13/76 17,1%

Ao observarmos a tabela acima, verificamos que no PBL2 das crianças pesquisadas o

percentual de ordem VS com sujeito [-animado] é praticamente o dobro (33,4%) quando comparamos com o PBL2 dos adultos sujeitos da pesquisa de Chaves (1987), que apresentam 17,1% de ordem VS com o mesmo tipo de sujeito. Esse resultado demonstra que a criança parece ser mais sensível a essa regra semântica que o adulto.

4.1.7 Fluência nas Línguas de Contato

O único grupo de fatores social selecionado pelo GOLDFARB foi *fluência nas línguas de contato*. A hipótese inicial para esse grupo era a de que quanto mais fluência o informante tivesse em um maior número de línguas, maior seria a ocorrência de ordem VS, pelo fato de ele recorrer à sintaxe das línguas as quais ele tem conhecimento no momento da comunicação.

Dessa maneira, ocorreria que, tendo o informante fluência nas três línguas de contato na região, o PB, o EP e o GP, conseqüentemente, ele recorreria à sintaxe das três, podendo haver então maior ocorrência de inversão da ordem SV do que os informantes que têm menos fluência nas três línguas.

Os resultados são apresentados na tabela 10 e no gráfico 9.

Tabela 10: Frequência e PR, segundo o grupo de fatores *fluência nas línguas de contato*.

Fluência nas línguas em contato	Frequência		Peso Relativo Ordem VS
	SV	VS	
PB e EP	303/380 79,7%	42/60 70,0%	0.455
PB, EP e GP	77/380 20,3%	18/60 30,0%	0.657

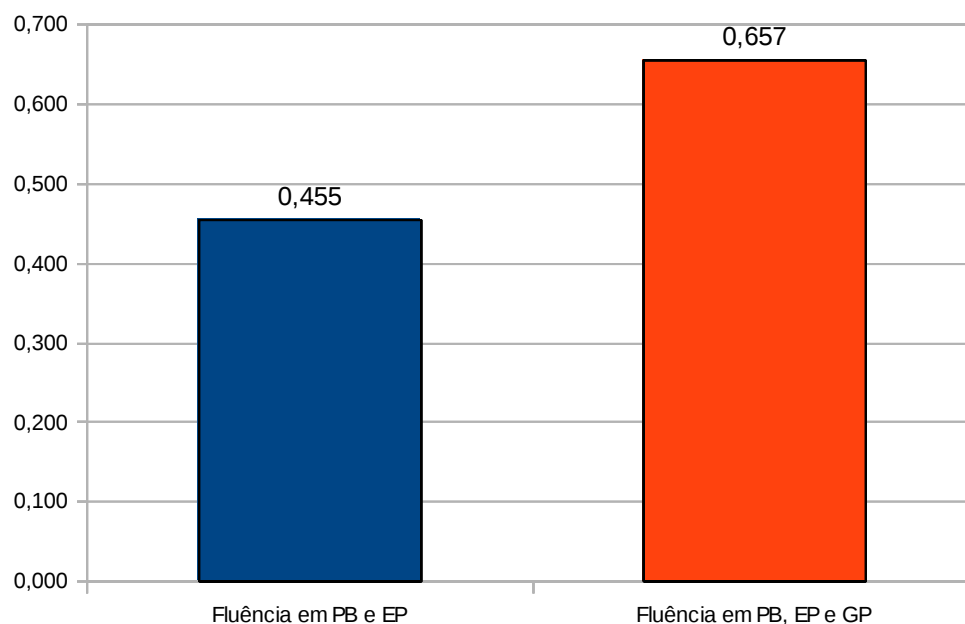


Gráfico 9: PR da ordem VS em relação ao grupo *fluência nas línguas de contato*.

Observa-se, nos resultados apresentados acima, PR maior para fluência nas três línguas de contato, o que confirma a hipótese inicial, a fluência em mais línguas favorece a inversão da ordem SV.

Acreditamos que o PR da ordem VS apresentado para a fluência nas três línguas (0,657) ratifique a ideia de que, no momento de adquirir o PBL2, os informantes busquem regras sintáticas nas línguas a que eles têm acesso, o EP, o GP e também o PB, sofrendo forte influência das três sintaxes, e, conseqüentemente, levando o informante a inverter a ordem de palavras.

4.2 Fatores não selecionados pelo programa

Seguem nesta seção os resultados dos fatores não selecionados como relevantes pelo programa GOLDVARB, mas que são apresentados como relevantes por outros trabalhos realizados sobre o assunto. Expomos, aqui, portanto, somente os resultados frequenciais, para fins de comparação com os resultados de outros trabalhos. Por ordem da exclusão pelo programa, as variáveis descartadas são as apresentadas em (31).

(31) variáveis descartadas pelo programa GOLDVARB

- 1o.) tipo de verbo
- 2o.) grau de transitividade da construção
- 3o.) flexão do verbo
- 4o.) estrutura do SN-sujeito
- 5o.) tipo semântico de verbo
- 6o.) modalidade de frase
- 7o.) gênero
- 8o.) tempo de contato com o português
- 9o.) grau de exposição ao português

4.2.1 Tipo de verbo e Grau de transitividade da construção⁴

O critério *Tipo de verbo* foi considerado tendo em vista a posição unânime dos estudiosos na afirmação do fator verbo intransitivo e de ligação como fortes condicionadores da inversão da ordem canônica. Segundo eles, quando os verbos transitivos ocorrem em construções VS, essa inversão produz sentenças cujos efeitos são pouco naturais ou mesmo agramaticais (CHAVES, 1987; LIRA, 1982; PONTES, 1987; BERLINCK, 1988).

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que se seguem apresentados no gráfico 10.

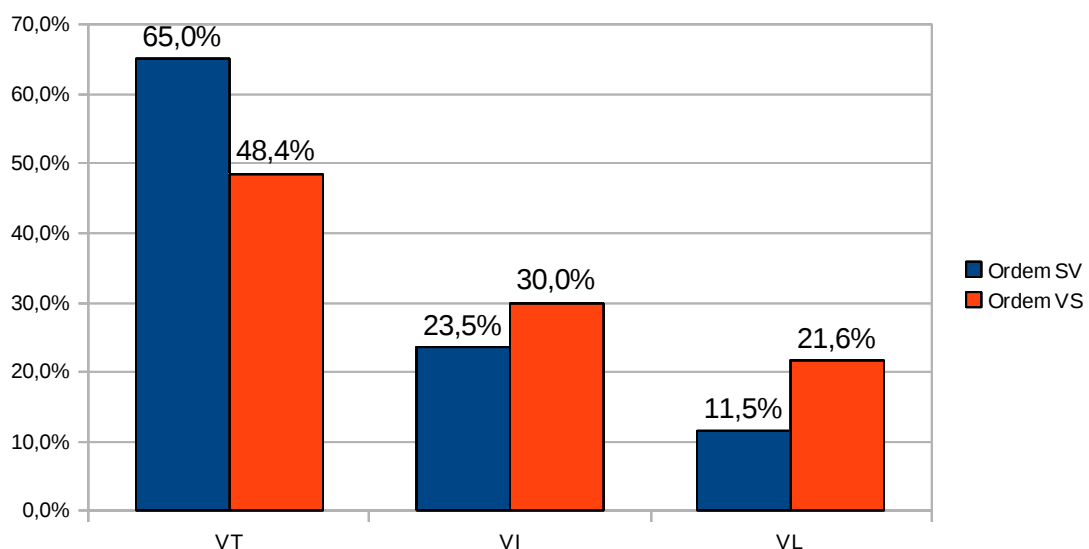


Gráfico 10: Frequência segundo o grupo de fatores *Tipo de verbo*

⁴ Esses dois fatores serão discutidos juntamente em razão de fornecerem explicações complementares para uma mesma noção semântica – a transitividade.

Por meio do gráfico acima, verificamos que sentenças com a ordem VS são, de fato, favorecidas à presença de verbos intransitivos (VI) e de verbos de ligação (VL), enquanto verbos transitivos (VT) correlacionam-se mais fortemente à ordem SV, como mostram, respectivamente, as ocorrências em (32).

- (32) a. Chama como ela? (C. 8;3)
 b. É da minha sala esse aí. (C. 8;3)
 c. Eu sei o hino nacional. (R. 7;2)

O resultado alcançado para essa variável, *Tipo de verbo*, confirma a ideia já defendida em vários outros trabalhos. Entretanto, o resultado apresentado para os VI nos chama a atenção em razão de ser bastante elevada sua frequência (48,5%) quando se trata de sentenças na ordem VS. Segundo os resultados de Lira (1982), a ordem VS com verbos transitivos é pouco produtiva na sua amostra, com apenas 5 ocorrências, contra 641 de ordem SV com esse mesmo tipo verbal. Como se observa, esse resultado foge um pouco do que se constata em nosso estudo, o que parece ser mais bem explicado se consideramos transitividade propriedade da sentença e não do léxico, como é o caso dessa variável *Tipo de verbo*.

Conforme exposto no capítulo destinado à metodologia, o critério sintático-semântico de *Transitividade* é, segundo Hopper & Thompson (1980), mais bem analisado quando se verificam as relações semânticas, sintáticas e pragmáticas que se estabelecem entre os constituintes sentenciais, uma vez que transitividade deve ser concebida, segundo esses autores, como propriedade da sentença, e não do léxico. Assim, a expectativa era a de que os resultados apurados com o controle dessa variável pudessem ser diferentes dos apurados para a variável *Tipo de verbo*, conforme acima discutido.

Os resultados apresentados para o grupo de fatores *Grau de transitividade da construção* são os que seguem no gráfico 11.

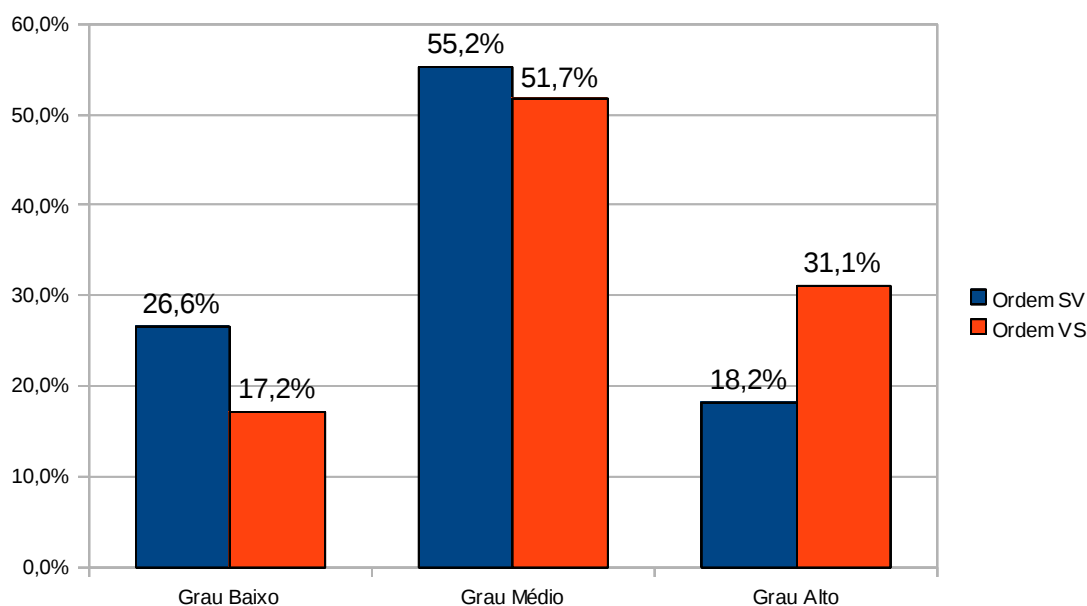


Gráfico 11: Frequência segundo o grupo de fatores *Grau de transitividade da construção*

Verifica-se, por meio do gráfico acima, que o resultado alcançado em nossa pesquisa não é o esperado, quando se considerada a natureza transitiva do predicator verbal. Conforme mostramos na seção anterior, VI e VL favorecem a ordem VS, mas é alta a frequência dessa ordenação mesmo com VT. Em outras palavras, sentenças com grau mais baixo de transitividade tenderiam à ordem VS, já que se aproximariam, em termos tradicionais, do comportamento sentencial com VI. Entretanto, não é o que se verifica: sentenças com graus de médio a baixo de transitividade preservam mais frequentemente a ordem SV do que sentenças com alto grau de transitividade, que se correlaciona mais fortemente com a ordem SV. Vejamos em (33) a (35) ocorrências exemplificativas dessas correlações.⁵

- (33) Grau baixo de transitividade (0 a 4 pontos)
- a. Mora aqui no Brasil meu tio. (P. 6;3)
 - b. A gente precisa do livro. (B. 6;7)

⁵ Remetemos o leitor à Seção 3.3.1 do capítulo III em que expomos a metodologia para o cálculo do grau de transitividade de sentenças.

- (34) Grau médio de transitividade (5 a 7 pontos)
 - a. Até comprô os livro minha mãe. (P. 6;3)
 - b. A professora já disse pra ela estudar. (P. 6;3)
- (35) Grau alto de transitividade (8 a 10 pontos)
 - a. Já brigô com o G. o meu irmão. (F. 8;1)
 - b. Daí a professora deu o lápis pro G. (F. 8;1)

Dada a quase unanimidade dos estudos de ordem para o PB na afirmação da correlação VT e ordem SV, o resultado do nosso trabalho pode revelar que padrões de L1 interferem na ordenação S-V a ponto de fator como grau de transitividade não ser forte suficiente para favorecer a ordem canônica do PB na fala das crianças paraguaias. Chaves (1989) apurou, em seu estudo com os paraguaios adultos da fronteira, que 63,7% das sentenças VS transitivas apresentam baixo grau de ação, de potencialidade do agente e trazem objetos não afetados nem individualizados.

Tanto nossos resultados quanto os resultados de Chaves (1989) frente ao de outros autores que se dedicaram à investigação da ordem no PB mostram a cautela que deve existir quando se comparam situações linguísticas diferentes para um mesmo fenômeno, no nosso caso e no de Chaves a situação de contato linguístico.

4.2.2 Flexão do verbo

O fator *Flexão do verbo*, como já exposto anteriormente, fundamenta-se na ideia de que a concordância verbal desfavorece a inversão da ordem S-V, o que, na nossa interpretação, significa que é a ordem VS que desfavorece a concordância verbal, e não, como postulado por alguns autores, que a concordância verbal é que determina a ordem dos constituintes sentenciais. Mantivemos, porém, o controle dessa variável para simples efeito de comparação.

Algumas pesquisas recentes confirmam o apagamento da marca de plural no verbo com sujeito posposto (RUBIO, 2008), ou seja, há mesmo forte tendência de a ordem VS vir

acompanhada da ausência de concordância. (PONTES, 1986; LIRA 1982).

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem no gráfico 12.

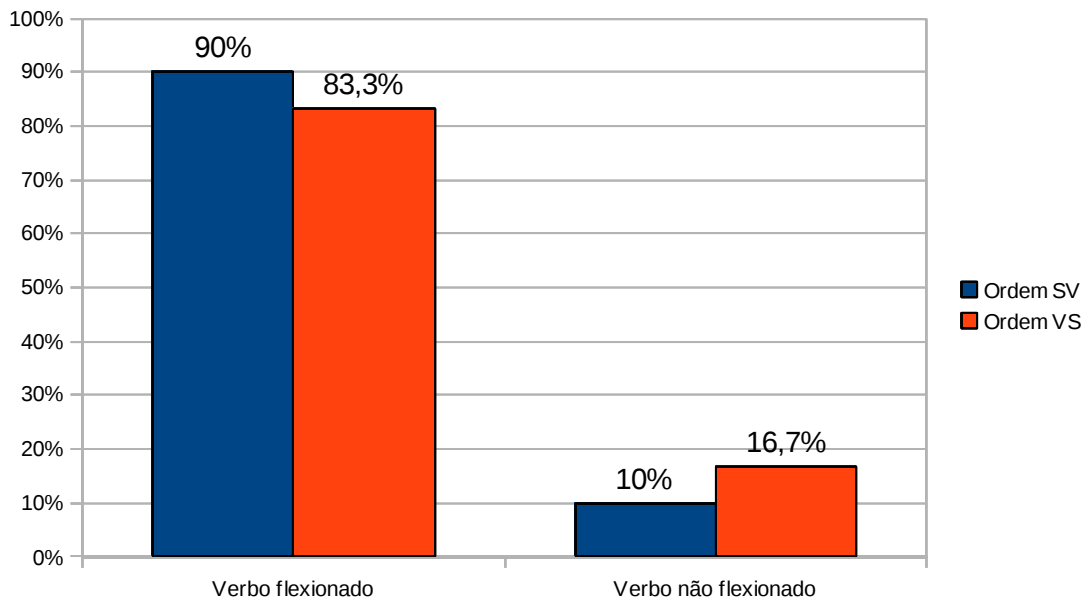


Gráfico 12: Frequência segundo o grupo de fatores *Flexão do verbo*

O resultado presente em nosso trabalho, como podemos observar, demonstra que há um ligeiro aumento no percentual de ordem VS em relação à ordem SV quando a sentença não apresenta concordância entre o verbo e o sujeito. Esse resultado ratifica a hipótese anterior de que a marca de plural é apagada quando temos inversão da ordem canônica. São ocorrências ilustrativas desse fator as dadas em (36).

- (36) a. Briga tudo com nós eles. (P. 6;3)
Minha tia é Soraia. (P. 6;3)

4.2.3 Estrutura do SN-sujeito

A hipótese inicial para esse grupo de fator, *Estrutura do SN-sujeito*, é a de que alguns

tipos de SN-sujeito tendem à permanência da ordem canônica, como, por exemplo, pronomes pessoais e nomes próprios. Lira (1982) verificou em seus estudos que a posposição é mais provável com sujeitos constituídos de pronomes indefinidos.

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem no gráfico 13.

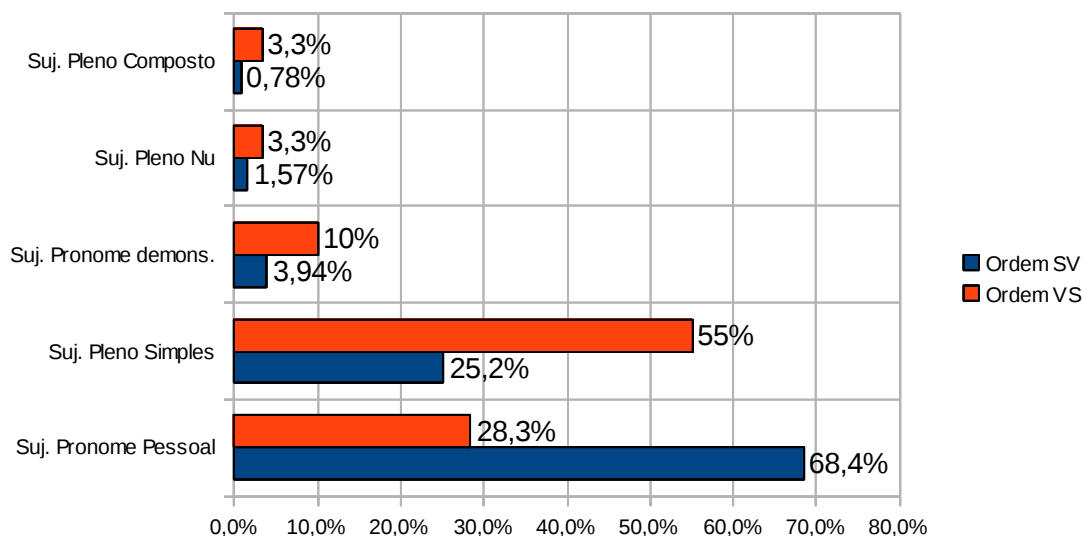


Gráfico 13: Frequência segundo o grupo de fatores *Tipo de SN-sujeito*

O gráfico apresentado demonstra que o resultado do nosso trabalho, em relação ao tipo de SN-sujeito *pronome pessoal*, coincide com os já apresentados anteriormente, uma vez que a sentença que apresenta esse tipo de SN-sujeito tende a permanecer na ordem SV. Entretanto, quando analisamos o SN-sujeito *Pleno simples*, que seriam nomes próprios e nomes comuns, conforme mencionado no trabalho de Lira (1982), nosso resultado se contrapõe aos já descritos pela literatura, porque constatamos um alto índice desse tipo de SN-sujeito com sentenças de ordem VS. Aliás, com exceção do SN-sujeito pronome pessoal, todos os demais tipos favorecem a ordem VS. Em (37) seguem ocorrências de cada um dos tipos acima, com a ordem VS.

- (37) a. Briga tudo com nós eles. (P. 6;3)
 b. Não saiu de mim o gripe. (P. 6;3)
 c. Como que era isso aqui? (P. 6;3)

- d. É (de) brincar bola. (R. 7;2)
- e. Não estuda aqui no Paraguai eu e meus amigo. (B. 6;7)

4.2.4 Tipo semântico do verbo

Por meio da classificação proposta por Halliday (1994), nos propusemos a verificar se o tipo semântico do verbo interferiria ou não na ordem canônica. Alguns estudos consideram que verbos existenciais e apresentacionais têm forte tendência à inversão da ordem (BERLINCK, 1988; GIVÓN 1976).

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem no gráfico 14.

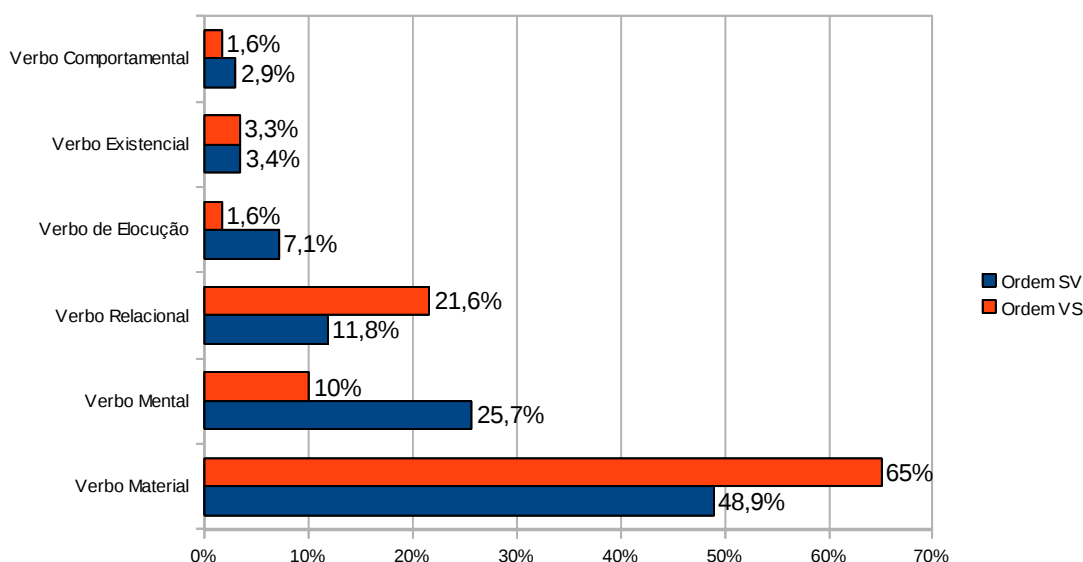


Gráfico 14: Frequência segundo o grupo de fatores *Tipo semântico do verbo*

O resultado presente em nosso trabalho, como podemos observar no gráfico 14, demonstra que verbo *material*, ou seja, verbo que apresenta ação (*pegar, fazer, brincar, correr*), é o tipo que mais favorece a VS, o que se explica pelo fato de o percentual de verbos desse tipo ser muito recorrente no corpus. Também verbos relacionais (*ser, ter, estar*) favorecem a ordem VS. Abaixo em (38) e (39), seguem ocorrências exemplificativas desses dois tipos verbais, respectivamente.

- (38) a. Pescá lá na praia nós vamo. (B. 6;7)
 b. Tirô a espada ele. (B. 6;7)
 c. Foi lá em casa dexá o brinquedo ele. (B. 6;3)
- (39) a. É árvore isso. (R. 7;2)
 b. Só agora ta fraco a pilha. (B. 6;7)

Verificamos também que nosso estudo se contrapõe aos estudos citados anteriormente, já que a frequência de ordem VS e SV é muito parecida quando se trata de verbos existenciais, tipo que não favorece nenhuma das ordens.

4.2.5 Modalidade de frase

O objetivo em relação ao critério *modalidade de frase* é tentar captar os contextos interrogativos em que, em espanhol, é requerida a ordem VS. A hipótese em relação a esse fator é a de que contextos interrogativos propiciem a inversão de sujeito e verbo no PBL2, por influência do espanhol.

Uma das regras de inversão obrigatória do sujeito, segundo Torrego (1984), ocorre em sentenças interrogativas subordinadas, contexto que, devido à idade ou até mesmo a situação de entrevista, pergunta e resposta, não aparece nos dados coletados e por essa razão não há como checar a possível influência da sintaxe do espanhol no PBL2 nesse aspecto.

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem no gráfico 15.

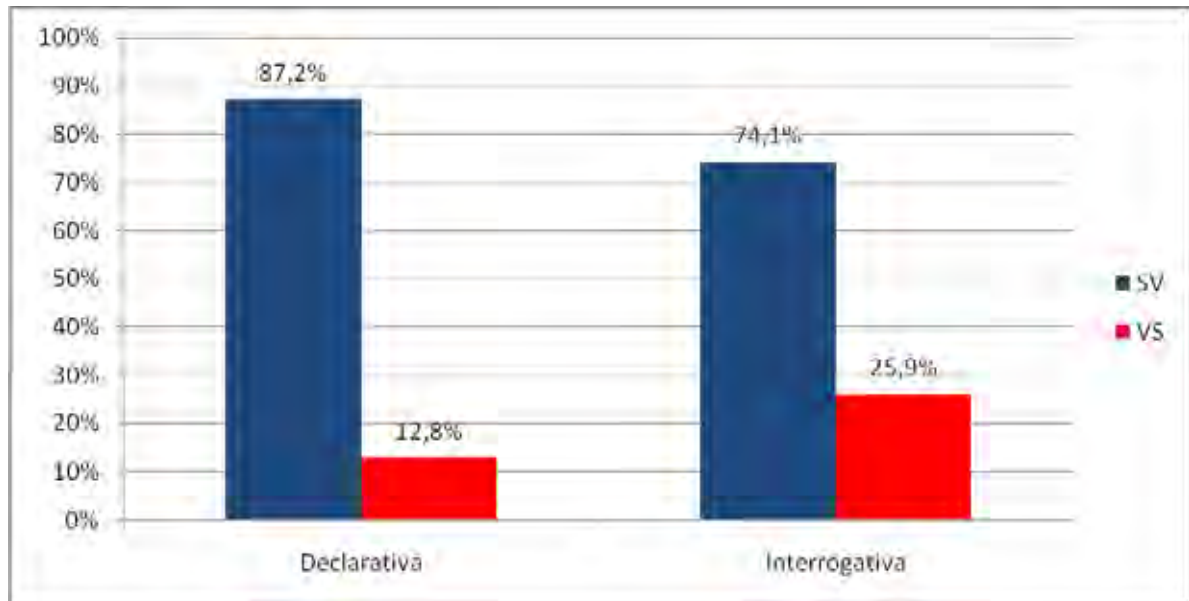


Gráfico 15: Frequência segundo o grupo de fatores *Modalidade de frase*

Verificamos por meio do gráfico apresentado, que há certa tendência à inversão da ordem do sujeito mais com sentenças interrogativas (25,9%) do que com sentenças declarativas (12,8%), o que confirmariam esses como contextos sob influência das regras do espanhol, L1.

Concluimos ser esse critério o que de fato atesta a influência do espanhol, L1, sobre o português em aquisição, L2, tendo em vista que a inversão do sujeito em espanhol segue regras específicas que divergem das regras do português bem como das regras de tendência universal como, por exemplo, o *status informacional do sujeito*. Abaixo em (40) e (41), seguem ocorrências exemplificativas das duas modalidades de frases, respectivamente.

- (40) a. A gente precisa do livro. (B. 6;7)
 b. Foi lá em casa dexá o brinquedo ele. (B. 6;3)
 c. É árvore isso. (R. 7;2)
- (41) a. Por que fecho o sinal? (G. 7;8)
 b. Será que daí transbordo o rio? (G. 7;8)

4.2.6 Gênero

Embora as premissas sociolinguísticas que se aplicam à variável não possam ser estendidas para o caso em estudo, por estarmos lidando com crianças, indivíduos para os quais ainda não estão claramente definidos os papéis sociais, como estão para os indivíduos adultos, essa variável foi controlada mais por curiosidade quanto questões de identidade de gênero do que de papel social. A expectativa é a de que meninas reproduziram mais o padrão da língua alvo, o PB, do que os meninos, criando assim, entre elas, maior identidade quanto à aplicação de padrões da língua dominante no contexto social em que estão inseridas.

Assim, apresenta-se, aqui, o resultado por indivíduo, em que os informantes C., R. e P. são do gênero feminino e B., F. e G. são do gênero masculino.

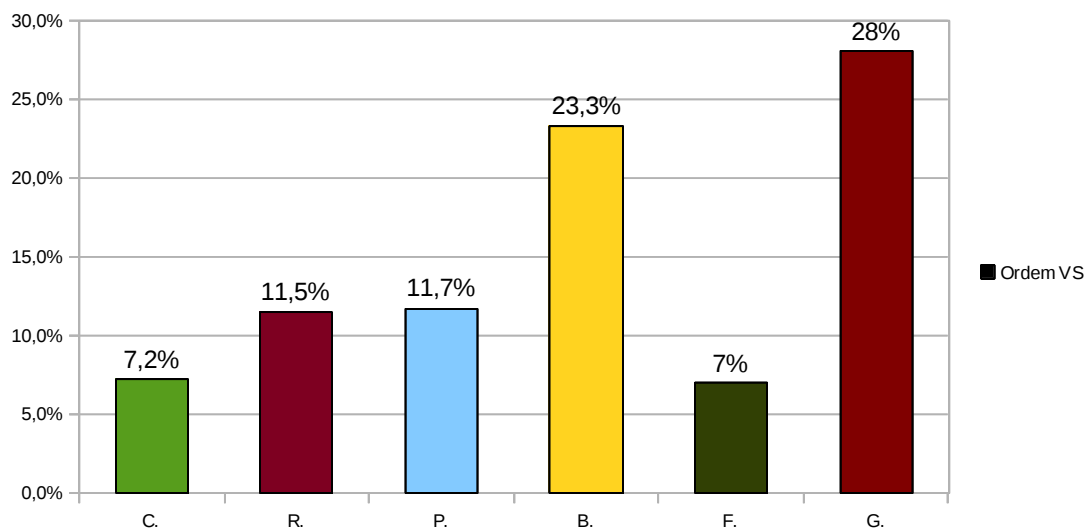


Gráfico 16: Frequência da ordem VS segundo cada informante

Verificamos por meio do gráfico apresentado, que as informantes meninas (C., R. e P.) apresentam, de maneira geral, maior ocorrência de sentenças SV, ordem mais presente no PB, ao passo que os meninos apresentam maior ocorrência de sentenças VS, ordem mais afeita ao EP.

Ao compararmos nosso resultado ao trabalho de Chaves (1987), é possível dizer que as meninas já nessa idade espelham um comportamento que irá se verificar mais tarde na vida

adulta, ou seja, o de que mulheres empregam mais a ordem SV ao passo que os homens a ordem VS.

4.2.7 Tempo de contato com o português

Conforme já apresentado no capítulo destinado à metodologia, a expectativa para esse grupo de fatores é a de que, como mostrado por Gonçalves (1997), à medida que aumenta o tempo de contato com o PB diminui a interferência de padrões de L1 sobre L2. Assim, crianças que se encontram no 3º. ano de contato com o PB apresentariam índices menores de inversão do que aquelas que estão do 2º.ano, e estas, índices menores do que as de 1º. ano.

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores, são os que seguem no gráfico 17.

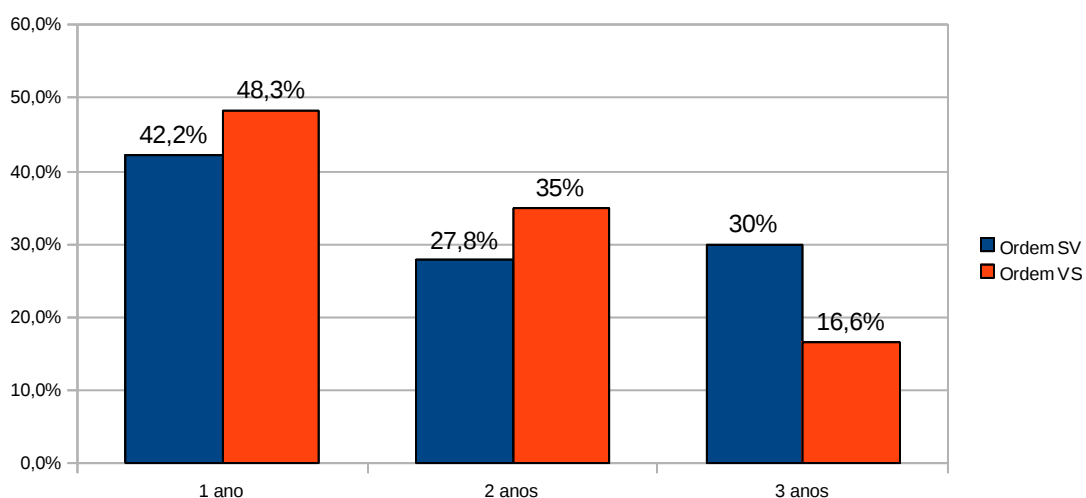


Gráfico 17: Frequência segundo o grupo de fatores *Tempo de contato com o português*

Como podemos observar no gráfico acima, a hipótese inicial se confirma no que se refere à maior tendência de inversão da ordem S-V ocorrer na fala de informantes com menos tempo de contato com o PB. Como se observa no gráfico, à medida que aumentam os anos de contato com o PB, diminui a frequência da ordem VS, embora não se possa afirmar o contrário para a presença da ordem SV, ou seja, menor o tempo de contato, menor é a

presença de ordem SV. Somente cruzamento deste fator com outros fatores linguísticos poderia trazer luzes a essa questão.

4.2.8 Grau de exposição ao português

Esse critério leva em consideração a exposição do informante ao PB na escola e na família. A hipótese é a de que quanto mais exposto o informante estiver ao PB, maiores são as chances de ele reter a ordem SV, mais característica da língua alvo.

Os resultados apresentados para esse grupo de fatores são os que seguem no gráfico 18.

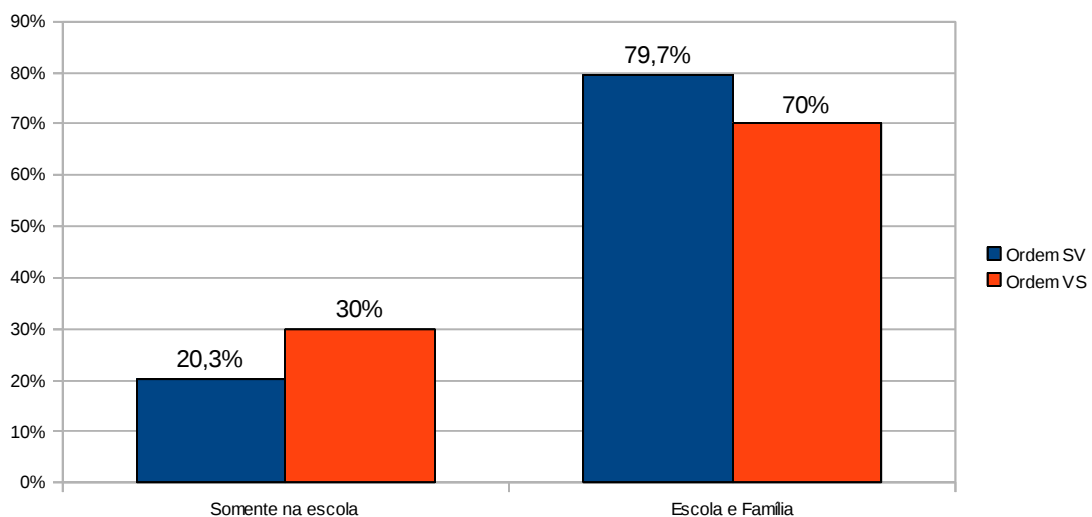


Gráfico 18: Frequência segundo o grupo de fatores *Grau de exposição ao Português Brasileiro*

Os resultados confirmam nossa hipótese, uma vez que, quanto mais exposto está o informante ao PB (na escola e na família), maior é o índice de utilização da ordem SV. Em contrapartida, informantes que tem contato com o PB somente na escola tendem a empregar mais a ordem VS, típica de sua L1.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Discussão dos resultados

A análise dos dados mostra que os fatores que mais favorecem a inversão da ordem SV no PBL2 na fronteira são, em ordem de relevância: *status informacional do sujeito*, *tipo de EsCo*, *presença do advérbio inicial*, *animacidade do sujeito*, *fluência nas línguas de contato*.

O *status informacional do sujeito* é o fator que favorece mais fortemente a inversão da ordem de palavras, mas não somente no PBL2. Como fator de ordem universal, não pode ser considerado resultante da influência de padrões de L1 no PBL2 em aquisição pelas crianças da fronteira. Verificamos, dessa maneira, que há uma tendência universal e, sendo assim, esse fator não pode ser considerado como resultante de interferência de L1 em L2.

No que se refere ao fator *tipo de Estado de Coisas*, como mencionado no capítulo reservado à metodologia, nenhum trabalho anterior sobre a ordeção SV e VS controlou esse grupo de fatores. Dessa maneira, não foi possível estabelecer comparações com outros resultados. Nossos resultados mostram que os *tipos de Estado-de-Coisas* ação [+ controle + dinâmico] e processo [- controle + dinâmico] desfavorecem a permanência da ordem SV, sendo, portanto, subfatores que tendem a inverter a ordem dos sintagmas da oração. Constatamos então que os dois subfatores que favorecem a ordem VS têm [+ dinamicidade], e que, nos outros dois subfatores, os que tendem à permanência da ordem SV, a dinamicidade não está presente. É possível concluir que quanto mais dinâmico o *tipo de Estado-de-Coisas* maior a possibilidade de inversão da ordem canônica.

Quanto à *presença do advérbio inicial* verificamos, como demonstrado na seção de análise dos resultados, que outros estudos já apontavam para o fato de ser esse fator forte

condicionador da ordem VS. Nosso resultado ratifica essa tendência de inversão da ordem SV quando há presença de advérbio no início da sentença.

Sujeito [- animado] é um fator que tende fortemente à ordem VS em várias línguas, conforme já comprovado por outros estudos (GIVÓN, 1976; CORVALÁN, 1982; LIRA, 1982, CHAVES, 1987). Trata-se também de fator de tendência universal e, portanto, também não pode ser atribuído a resultado de interferência de L1 no PBL2 em aquisição por crianças da fronteira.

Assim como o fator *tipo de Estado-de-Coisas*, o fator social *fluência nas línguas de contato* também não foi investigado em nenhum trabalho. A hipótese inicial para esse grupo de fatores se confirma, uma vez que, quanto mais fluência o informante tem nas línguas de contato da região maior a ocorrência da ordem VS. A hipótese se baseia na ideia de que o informante recorreria à sintaxe das três línguas o que ocasionaria maior frequência da ordem VS.

Dos fatores selecionados pelo programa GOLDVARB como os mais relevantes para a inversão da ordem SV, três deles são fatores que também se mostraram relevantes em outras pesquisas que levaram em consideração uma situação de contato linguístico. Os fatores que favorecem a inversão da ordem SV no PB em aquisição como L2 por crianças da fronteira refletem um desvio da norma ao que se denomina *interferência sintática*, fenômeno comum entre língua em situação de contato (ODLIN, 1989).

Segundo Weinreich (1953, p.41) “na interferência de dois padrões gramaticais é comum que aquele que usa morfemas relativamente livres e invariantes em seu paradigma, é que serve de modelo a ser imitado”. A literatura mostra que o padrão gramatical do espanhol é “mais livre” (SCHWARTZ, 1975; TORREGO, 1984), menos marcado (SCHWARTZ, 1975) e é também flexível (CORVALÁN, 1982). Já em relação ao português, constatamos que, por mais que alguns estudos demonstrem a possibilidade de haver duas ordens (SV e VS)

presentes no português, a ordem VS é ainda considerada **marcada** e se mantém somente em casos especiais (PONTES, 1983, OLIVERA, 1989) e é governada por fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos (LIRA, 1982; CHAVES, 1987).

Em relação aos fatores não selecionados pelo programa, o fator *modalidade da frase* parece-nos o mais relevante, uma vez que esse critério é baseado em regras divergentes da inversão do sujeito nas duas línguas, L1 e L2. A língua espanhola segue regras fixas de inversão do sujeito no que tange às sentenças interrogativas (TORREGO, 1984); o mesmo não acontece em português, língua tradicionalmente SVO (PONTES, 1983, OLIVEIRA, 1989) que não apresenta regras tão categóricas de inversão do sujeito, como é o caso do espanhol, nesse aspecto específico, apesar de, no geral, ser mais flexível do que PB. Dessa maneira, o resultado apresentado para esse fator, aumento da porcentagem de ordem VS em sentenças interrogativas, é um índice de interferência do espanhol L1 sobre o PBL2.

Dessa maneira, a ordem de sujeito em relação ao verbo, mais especificamente a ordem VS, nos dados em aquisição investigados, encontra sustentação mais em fatores de ordem universal, que promovem tal ordem, do que em fatores que possam justificar a influência de regras específicas de L1 sobre a L2 em aquisição. Assim, embora não tenha se mostrado fator relevante para o programa GOLDVARB, *modalidade de frase* é o único fator que indicia uma possível interferência de regras de L1 sobre L2, tendo em vista os contextos de força ilocucionária interrogativa. Há de se reconhecer, entretanto, que não são todos os contextos interrogativos que, em espanhol, levam à ordem VS.

Dois são os fatores universais relevantes para a ocorrência da ordem VS nos dados investigados, quais sejam, *status informacional do sujeito* e *animacidade do sujeito*, e outros fatores específicos, como *tipo de EsCo*, *presença do advérbio inicial* e *fluência nas línguas de contato*, todos explicitados acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, M. L. O. *La transferencia, la interferencia y la interlengua en la enseñanza de lenguas proximas*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- BENTIVOGLIO, P. e ASHBY, W. Estrategias para introducir nuevos referentes en el discurso: un análisis comparativo español-francés. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, México, 1993. México: ALFAL, 1993, p. 41-53.
- BENTIVOGLIO, P. e WEBER, E. G. A functional approach to subject word order in spoken spanish. In: JAEGGLI e SILVA CORVALÁN. *Studies in romance linguistics*. Dordrecht: Floris, 1986. p. 23-40.
- BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: Sincronia e Diacronia*. 1988. 288f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- BERMAN, A. Adjectives and Adjective Complement Constructions in English. *Technical Report No. NSF-29*, Department of Linguistics, Harvard University, Cambridge, MA, 1974.
- BITTENCOURT, V. O. *A posposição do sujeito em Português*. 1974. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen e Unwin Ltd, 1935.
- BRAGA, M. L., BENTIVOGLIO, P. Espanhol, português e ordem de palavras. *D.E.L.T.A.*, n, 4, v. 2, 1988, p. 164-182.
- CASTILHO, A. T. (org.). *A ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo*. Campinas, 1987.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.
- CHAVES, A. S. *A ordem VS no português da fronteira*. 1987. 78f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- _____. *A ordem VS no português da fronteira*. In: TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. London: Mouton, 1957.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS.
- CORVALÁN, S. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. In: AMASTAE, Z.; ELIAS OLIVARES, L. *Spanish in the United States: Sociolinguistic Aspects*. Cambridge University Press, 1982.

- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares, 1976, p. 58.
- DE HEREDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G; BOUTET, J. (orgs.). *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- DECAT, M. B. N. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Ensaio de lingüística*. Belo Horizonte, 1983.
- DIAS, A. E. da S. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1969.
- DIETRICH, W. Cambio del orden de palabras en lenguas tupí-guaraníes. *Cadernos de Etnolinguística*, v. 1, n. 3, 2009, p. 01-11.
- DIK, S.C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DU BOIS, J. The discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, n. 4, 1987.
- ELLIOT, A.J. *A Linguagem da Criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis espanola*. Barcelona: Vox, 1961.
- GIVÓN, T. Topic, Pronoun and Grammatical Agreement. In: Charles N. Li (ed.). *Subject and Topic*. New York, San Francisco. London: Academic Press, 149-188, 1976.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: _____ (ed.). *Syntax and Semantics*. v. 12: Discourse and syntax, 1979.
- GONÇALVES, S. C. L. *Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças yuba*. 1997. 158f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- GREENBERG, J. H. *Universals of language*. Cambridge, Mass, Mit Press, 1966.
- GUTIÉRREZ, M. A. *Ordem de constituintes no discurso escrito informal espanhol*. 1997. 287f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres, Melbourne: Edward Arnold, 1985.
- HARMERS, J e BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HOPPER, P. e THOMPSON, S. Transitive in grammar and discourse. *Language*, Washington, v. 56, n. 2, p. 252 – 299, 1980.
- KLEIMAN, A. O estatuto disciplinar da lingüística aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI; CAVALCANTI; (Orgs.). *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 51-77.
- LIRA, S. A. *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. Ph. D. University of Pensylvania: University Microfilms International, 1982.

- LOCKE, J. A theory of neurolinguistic development. *Brain and Language*, v.58, n. 2, 1997, p. 265-326.
- LÓPEZ-MEIRANA, B. *La posición del sujeto em la cláusula monoactancial en español*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1997.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. Língua e cultura. In: UCHÔA, C. E. F. (sel. e introdução.) *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Manual de expressão oral e escrita*. 9. ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- MEGALE, A. H. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 5, 2005. In: <<http://www.revel.inf.br>> Acesso em: 18 out. 2009.
- MITHUN, M. Is basic Word Order universal? In: PAYNE, D. (ed.) *Pragmatics of word order flexibility*. Amsterdam: John Benjamins, 1992, p. 15 – 61.
- NEVES, M. H. de M. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ODLIN, T. *Language Transfer: cross linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- OLIVEIRA, M. *The neogrammarian controversy revisited*. UGMG, mimeo, 1989.
- ORTIZ ALVAREZ, M. L. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: CONGRESO BRASILENO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. Associação Brasileira de Hispanistas, disponível em:<<http://www.proceedings.scielo.br>>. Acesso em: 11 julho 2009.
- PERLMUTTER, D. M. Evidence for Subject Downgrading in Portuguese. In: J. SCHIMIDT-RADEFELT (ed.) *Readings in Portuguese linguistics*. North-Holland Linguistic Series 22. Amsterdam: North Holland, 1976.
- PINKER, S. *The language instinct: How the mind creates language*. New York: William Morrow, 1994.
- PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- POPLACK, S. Sobre la elisión y la ambigüedad en el español puertorriqueño: el caso de la (n) verbal. *Boletín de la academia puertorriqueña de la lengua española*, VII, 2: 129-143, 1979.
- RAMBAUD, M. G. *Influencia del tipo de syllabus en la competencia comunicativa de los alumnos*. Madri: Ministério de Educación y Cultura/CIDE, 2000.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Prelado Paez y

Companía, 1924.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. 9 reimpressão. Madrid: Espasa-Calpe., 1984.

ROCCA, P. D. A. O desempenho de falantes bilíngües: evidências advindas da investigação do vot de oclusivas surdas do inglês e do Português. *D.E.L.T.A.*, v.19, n. 2, 2003, p.303-328.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVEDRA, M. *Bilingüismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã*. 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v.2, 2007, p. 203 – 232.

SCHWARTZ, A. Verb anchoring and verb movement. In: LI, C. *Word order and word order change*. Austin, University of Texas Press, 1975.

SIEWIERSKA, A. *Word order rules*. London, Croom Helm, 1989.

SMITH, L. E. *Readings in English as an international language*. Oxford: Pergamon Press, 1983.

SOUSA DA SILVEIRA. *Lições de português*. 6.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

THOMAS, E. W. *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt Univ. Press, 1969.

TOMLIN, R. *Basic Word Order: functional principles*. London: Croom Helm, 1986.

TORREGO, E. On inversion in spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, v. 15, 1984, p. 103 – 129.

VANDRESEN, A. S. R. *Aquisição da linguagem oral*. Portal Educação, 2007.

VOTRE, S. J., NARO, A. Inversão do sujeito na fala carioca. *Boletim da ABRALIN*, 1984. p. 189-96.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. Haia: Mouton, 1953.